

TUA BOCCA

Essa bocca querida, essa bocca de rosa
De rosa a desbrochar.
Tem frescor de camelia setinosa,
Colhida em noite branca, deliciosa
Clara noite de limpidio luar.

Esse cheiro que vem dessa bocca vermelha
Que aroma e fala
A linguagem que a psalms se assemelha,
Beijos, de amor attrahe quando se exhala
Como o das flores attrahindo a abelha.

Minha bocca febril, minha bocca sequiosa,
A tua ardente bocca
Fresca, macia, em flor, rubra e mimosa,
Por entre as flores, sonhadora e louca,
Busca premil-a, doce, misteriosa.

Tua bocca, de amor e de febril desejo
Ardendo tumida;
Bocca pequena de subtil bafejo
Fresca, cheirosa, tentadora e humida
Foi feita para o riso e para o beijo!

CARLOS VICTOR.

MEIO DIA

A Max Platan

Caracola o regato a riscar sobre a areia
Esguio traço azul que um rumo ignoto husca;
A mongubeira anciã, toda de aromas cheia,
Desdobra-lhe por cima a copa verde—fusca.

A's vezes, quando o azul mais rutilo pompeia
O fulgurante sol de um resplendor que offusca,
Uma nuvem, que o vento arrasta, se permeia,
E então a sua luz de subito se embrusca.

Pios langues a encher de pávidos segredos
O quieto penetral dos virentes silvedos,
Vibram tristonhos no ar como as notas de um dobre...

Desce o gado a beber, emquanto a lavadeira
Põe a roupa a enxugar ao calor da soalheira
Que lhe morde inclemente o lombo côr de cobre.

ANTONIO SALLES.

16—9—96.

Imprensa litteraria

—A *Bruxa*, n.º 30, 31 e 32.

E' com a mais viva avidez que
ruegamos sempre o envolvero desta
esplendida publicação fluminense
todas as vezes que a recebemos.

Temos a certeza de que vamos
esperimentar uma surpresa prepara-
rada pelo Julião e pelo Bilac. E
nunca nos enganamos, porque os
dois grandes artista da penna e do
lapis são inexgotaveis. A prova
está nos tres numeros que temos
presente.

O primeiro delles, o n.º 30, é um
verdadeiro primor, quer a parte ar-
tistica quer o testo.

Ocupa a primeira pagina o re-
trato do Conde d'Alto Mearim e a
ultima uma caricatura espirituosis-
sima com o Ministro da Fazenda.

O que porem ha de melhor e de
mais genial neste n.º são as duas
paginas do centro onde o Julião Ma-
chado apresenta o General Glicerio
preparando a *Droga*.

E' uma das creações mais felizes
do grande artista, não só pela con-
cepção como pela vida que elle lhe
impremio.

O n.º 31 não é inferior em nada
ao antecessor. Traz na primeira pa-
gina o retrato da primorosa escrip-
tora brasileira Julia Lopes de Al-
meida, autora do *Livro das Noivas*,
com uma bellissima allegoria re-
presentando uma moça de pé, len-
do. As outras paginas são um ver-
dadeiro mimo assim como todo o

n.º 32. Seria enfadonho enumerar-
mos todas as bellezas destes tres
n.ºs da *Bruxa* e portanto apenas
nos limitamos a enviar ao Julião e
ao Bilac um sincero e entusiastico
—bravo!!

—*Revista Mensal* da familia aca-
demica.—n.º 1 e 2. Publica-se
mensalmente e é orgam da Escola
Militar da Copital Federal.

Tem como redactores Max. Mar-
tins e Jansen Tavares; como Secre-
tario Gonçalves Abreu e gerente
Ph. Cunha.

Bem escripta e bem impressa, traz
bons artigos sobre instrucção e pa-
triotismo juntamente com alguns
versos harmoniosos e correctos.

—A *Aspiração*, n.º 26.—E' or-
gam do Collegio Militar e apparece
quinzenalmente na Capital Federal.
Encerra alguns artigos revelladores
e os seus redactores são merecedo-
res de incitamento.

—*Congresso Academico*, n.º 3.
Mais um bom n.º desta revista
pernambucana temos a registrar.
Traz escolhida collaboração de Clo-
vis Bevilaqua, Rodrigo Costa, Gon-
zaga de Arruda, Ernesto Garcez,
Augusto Meira e outros reconheci-
dos cultores das letras pernambu-
canas. Agradecendo ao *Congresso
Academico* a amavel visita, não pode-
mos deixar de agradecer igualmente
as lizongueiras referencias que nos
fez no seu bem lançado artigo *O
nosso meio litterario*. Obrigados
pela gentileza e pela amabilidade.

SATYRO ALEGRETE.

Bibliographia

Livro das noivas—Julia Lopes de Al-
meida—Rio de Janeiro, 1896.—Ora gra-
ças que a nossa litteratura, tão indigente
de certos generos de trabalhos, começa
agora a occupar-se com os problemas do
lar, com as interessantes questões da edu-
cação domestica, até ha pouco tempo
completamente inexploradas. Hontem
publicava o Dr. Americo Werneck o seu
bellissimo livro—*Arte de educar os filhos*,
e agora dá-nos Julia Lopes de Almeida o
Livro das noivas, cujo entusiastico
acolhimento bem mostra o seu valor e
a importancia da lacuna que elle vem
preencher.

Já consideravamos a autora como o
nosso primeiro talento feminino em tra-
balhos de ficção por vel-a destacar-se
com um brilhantismo soberano nos seus
contos, onde a delicadeza da concepção
se allia á mais fina execução artistica.

Com a mesma elegante firmeza de es-
tylo e com um admiravel talento de ob-
servação, surge ella agora a disrequear
sobre a sciencia do *ménage* que encara
sob os seus diversos aspectos, externan-
do a respeito todos os mais fecundos e
consoladores ensinamentos.

A autora não tem por base das suas
doutrinas a moral rotineira e conventual
que escorre unctiosa e enfadadamen-
te dos livros de educação em geral; a sua
moral, aliás não menos solida, é a que
convem á sociedade de hoje e coexiste
suavemente com a vida mundana em to-
das as suas exterioridades brilhantes ao
mesmo tempo que prodigalisa sãos con-
selhos sobre essas pequenas cousas da
existencia em commum, cujo conjuncto
forma a ordem e a felicidade do lar.

Julia Lopes de Almeida deu ao seu li-
vro a forma a mais attrahente possivel
pela variedade de processos a que sub-
mette as suas apreciações:—aqui a pre-
lecção facil e scintillante, ali o dialogo,
além a epistola, mais longe a ponderação
sensata e amoravel—tudo incute no ani-

mo de quem a lê noções claras e nítidas da vida familiar.

Em todos os methodos empregados pela insigne escriptora brilha a forma encantadora e leve, de uma suavidade fluente em que se revela sinceramente a elevação e a delicadeza do seu espirito.

Materialmente é o livro primoroso também:—a impressão, o papel, as gravuras e a formatação tudo concorre para tornar o *Livro das noivas* digno dos elogios que tem conquistado por parte da critica e do favor que tem merecido do publico.

Felicitando a illustre escriptora, enviemos-lhe d'aqui os mais ardentes agradecimentos pela offorta que gentilmente nos fez de um exemplar da sua obra—uma joia inestimavel que entra para o escriptorio das letras brasileiras.

M. J.

NO TEMPLO

Nesta suave hora de sol posto
Nossa Senhora, a boa Mãe Clemente,
Sorri p'ra nós do throno seu fulgente
Cheia de amor e de ineffavel gosto.

Ella, consolação, arrimo, encosto
Dos que na vida lutam tristemente.
Abre o seu coração bondosamente
E carinhosa inclina o meigo rosto.

Recebe as orações dos desgraçados.
As mansas preces dos afortunados,
De onde resumam doces contricções...

Ouve as sentidas queixas piedosas
Das ternas mães e noivas amorosas
Que põem nella os frageis corações...

—1896.—

ANNA NOGUEIRA.

Lucta pela vida

(Excerpto de um romance em preparação)

A cunhada da Purificação, a senhora Vicencia da Gloria, era uma quarentona bem conservada, cor de cobre, corpo ossudo e magro, feições feias, finalmente uma tapuia de cara de poucos amigos, na qual os olhos pequeninos e obliquos brilhavam accezos como dois onyxes negros, tendo de permeio um nariz em forma de bico de gavião.

Não se via no rosto de Vicencia um traço sequer da raça de seu progenitor, um anthropologista a tomaria por um exemplar de indio. Só o nariz é que fazia de algum modo suspeitar a mistura do branco, isso no cavalleto agudo, que depois de se salientar um pouco, se esparrava em um par de ventas, chatas como as dos macacos.

A natureza tem seus caprichos e mysterios. A semente da vida, esse argueiro tão pequeno, que olhos nús não o enxergam, é a mais estupenda maravilha da criação. E neste atomo vivo vão não só as qualidades physicas dos pais, como também as suas qualidades psychicas.

O louro grão de pollen em sua microscopica individualidade leva ao ser que vai gerar os matizes, os perfumes e até o veneno as vezes mortifero e subtil da flor de que nasceu.

Em Vicencia da Gloria observava-se um destes caprichos da natureza, ella tinha o corpo da india, sua mãe e a alma do portuguez seu pai. Já não era assim a finada mulher de José Maria, a qual tinha as formas e feições semelhantes aos seus ascendentes paternos, o retrato fiel de uma de suas avós—uma confirmação de fatal lei do atavismo. Quanto a sua psychologia, a mesma de seus ascendentes maternos, modificada um pouco pela civilização.

Vicencia da Gloria morava com o cunhado desde o casamento de sua irmã.

José Maria, poucos mezes depois de viuvo, entendeu ser acertado alvitre casar-se com a irmã da finada, não só por estar ella já em casa, como para augmentar os seus próprios bens, com mais algumas duzias de vaccas e escravos.

O portuguez com sua costumada bruteza dirigiu á cunhada um galanteio atrevido, que a sertaneja revoltada repelliu na altura da altivez de seu genio.

Purificação não descoroçoou e voltou á carga.

A reincidencia, entretanto, custou-lhe caro, e em vez de algumas palavras asperas de censura, recebeu elle duas valentes bofetadas, quando a furto tentou beijar as faces morenas da cunhada. Este incidente poz termo aos galanteios.

José Maria não se atreveu a continuar a conquista, temeroso da facha que Vicencia trazia consigo. Era impossivel bloquear aquelle porto. Um seu patricio estranhou que elle já não se tivesse casado e disse-lhe que as más línguas já falavam até de mancebia!... Então Purificação socegou-o dizendo-lhe convencido que a cunhada só era mulher porque vestia saia.

Vicencia da Gloria andou alguns mezes estomagada com José Maria, mas como este não proseguisse em seus intentos, continuou ella a cuidar da casa e dos sobrinhos e mesmo a tratá-lo como dantes, com bastante indifferença.

Vicencia era uma mulher activa, petulante e má. Estava quasi velha, e como a mocidade não lhe trouxera arroubos na velhice não lhe esperavam desillusões.

Os encantos da natureza dos tro-

picos no seio da qual nascera e brincar nunca os sentira aquelle espirito tibio. O entretenimento predilecto de sua alma era a maldade dos seus folguedos. Aos implumes passari-nhos furava os olhos quando encontrava um ninho. Menina estouvada e perversa corria de varzea a fora perseguindo o insecto cujo colorido mais a impressionava e apanhando-o atirava-o mutilado ao chão para sentir o goso de vel-o arrastar-se privado das azas com que volitava pelos ares. Nunca o arrulho da jurity, gemido mavioso, que se ouve na solidão dos bosques, terno como um soluço nostalgico, despertou em sua alma um instante de recolhimento.

Aos beija-flores que se osculavam adejando sobre as corollas multicores dos manacás e das outras flores silvestres apedrejava porque não podia apanhá-los e estrangular. Era sanguinaria por indole.

Quando os gaviões perseguindo as rolas as alcançavam e prendiam-nas com suas garras aceradas, apáudia com palmas aquelle acto, que era um deleite para ella, porque era um espectáculo sanguinolento e cruel.

Uma destas scenas tanto a deleitou na infancia que guardou-a na memoria até ser velha. Brincava ella na varzea um dia pela manhã quando ouviu agudos trillados, que sahiam da rainaria de um páo—branco em flor. Ao mesmo tempo chegava-lhe ao ouvido o som de um rufar apressado de azas, acompanhado de trinados ainda mais altos e mais intensos.

Vicencia attentava o massiço que cercava a arvore, quando rompendo este, sahiram n'um voejar adoudado um vigoroso casal de lindos sanha-sús.

As aves pipilavam em estranho tom e adejavam sobre a copa da arvore, investindo de quando em vez para a ramaria, recuando depois n'uma algazarra de agudos e medrosos pios.

Ao mesmo tempo abria-se a folhagem em diversas alturas e fazendo-se um claro maior no cimo do massiço appareceu naquella janella em plena luz do sol a asquerosa cabeça de uma cobra.

O corpo da serpente foi se enrolando em espiral, em uma rodilha negra sarapintada de amarello. Um instante esteve ella enroscada, e se desenovelando apresentou ás medrosas aves, que continuavam alarmadas a sua figura inteira. Quasi dois metros da cabeça a ponta da cauda tinha a cobra. A p... era ne-

gra e lustrosa, como envernizada, e apresentava no dorso o mais delicado lavor, amarello como gemma de ovo; era como um cylindro de carvão velado por finarenda de ouro dos mais custosos desenhos.

Vicencia da Gloria deleitando-se com a afflicção das aves nem se lembrava de enxotar a caninana.

Divertia-se com o soffrimento dos sanhassús, quando seus olhos se fixaram inteiros na serpente; todo o seu ser se concentrou na observação de um facto, que a attrahia toda, e no bico dos pés, com os labios abertos n'um meio sorriso, acompanhava a evolução do animal, que subiu até pôr ao alcance de seu bote um ninho que se pendurava de um ramo proximo.

Tres pequerruchos ainda implumes se aqueciam n'um leiteo, tecido de malva e grama e eram alimentados das larvas, que os pais caçavam e traziam a cada instante.

A cobra achegou-se ao ninho, e a vista da preza, e a imagem das victimas entrando por seus olhos vidrados e nua, roeram-na de gula e a sua lingua bifida se estirou fora da bocca molhando-lhe o focinho de peçonhenta baba.

Os pequinos tomaram o halito da serpente, que lhe sahia das ventas em finos assobios, pelo cantar mavioso dos pais, a repartir com elles igualmente o insecto que traziam. Ainda sem o instincto da conservação, que se desenvolveria mais tarde e viria guial-os na vida, abriram todos tres os biquinhos n'um chilrear terno de infante, e quando esperavam cahir-lhes nas boquinhas rosadas, tenra posta de nutrida larva, recebem uma chuva de baba, que a cobra cortada de gula atira sobre elles para engulil-os melhor.

Nem mais um instante de trevas o reptil dá as victimas.

As aves tendo uma noção clara, nitida do perigo imminente em que se acha a prole, gritam espavoridas, allucinadas, e uma d'ellas no auge d'aquelle grande angustia de um impeto cae como uma flexa sobre a cobra e da-lhe uma valente bicada na cabeça.

A serpente assanha-se; era mais o insulto do que a offensa physica: um bico feito para cantara o nascer e pôr do sol na natureza tropical, não podia de leve offender-lhe a couraça de escamas miudas e rijas.

Assanhada a cobra ergue a cabeça em mais de dois palmos de corpo e assim de bote armado espera outra investidura das aves, como se as

forças, as energias d'aquelles canoentes, não tivessem sido consumidas no primeiro e ultimo ataque ao monstro que ia comer-lhe os filhos.

Os sanhassús adejavam a distancia, e a caninana depois, de olhal-os por alguns segundos encolheu-se e chegando-se a beira do ninho, fez um movimento com a cabeça.

De repente desconjunctaram-se-lhe os queixos e cahirem um para um lado e outro para o outro: a lingua como um molambo e em forma de forquilha arrastava-se dentro de uma das mandibulas. Dois fios de baba escorriam das glandulas do fundo da bocca e iam molhando os passarinhos, cobertos ainda de leve pennugem, que se empastava embebendo-se em tão viscoso liquido. Os pequerruchos chilravam abrindo os biquinhos vermelhos.

Uma vez bem lubrificadas a cobra encostou a desconjunctada armação de queixos nas ancas de um d'elles e executando uma serie de movimentos rapidos, empurrou o corpo do passarinho de guela abaixo com incrível ligeireza.

O desespero dos pais havia chegado ao delirio. Não trinavam, gemiam. Não adejavam mais; rolavam pelo chão! Antes de chegarem áquelle derradeiro periodo da afflicção, a ave mãe, como se a rasão e o entendimento pertencessem a todos os seres na hora das angustias supremas, e com especialidade as mães, voou ao lado de Vicencia da Gloria, quasi pousou-lhe ao hombro, e soltou um trinado tão mavioso, que resumia em suas poucas notas a mais fervorosa supplica.

A menina que muito contente assistia áquella dolorosa scena da luta pela vida, enxotou a ave de um modo brusco e continuou a saborear o gozo d'aquelle espectaculo até que pela garganta da cobra desceu o derradeiro passarinho.

RODOLPHO THEOPHILO.

Cansioneiro popular

13

Você diz que sabe muito!
Borboleta sabe mais:
—Vira de pernas p'ra cima.
Cousa que você não faz.

14

No lugar aonde eu canto
Todos tiram o chapéu:
Cada repente que eu tiro
Corre uma estrella no céu.

15

Tenho raiva, tenho ira,
Tenho paixão de matar
De quem dança e não me atira.
De quem bebe e não me dá.

16

Quando eu vim da minha terra
Minha mãe me encommendou:
Meu filho, tu não apanhes,
Que teu pai nunca apanhou.

17

Quem disser que amor não dóe
Desconhece amor então;
Queira bem e viva ausente,
Veja lá si dóe ou não.

18

Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só:
Põe a mãe e põe a filha,
Põe a neta e põe avô.

19

Do outro lado da serra,
Da outra banda de lá,
Ronca o porco, geme a ema,
Caxinga o tamandua

20

Ha duas cousas no mundo
Que me fazem admirar:
—E' abelha fazer mel,
O mar encher e vasar.

21

Esta noite tive um sonho...
Meu Deus, que sonho atrevido!
—Sonhei que tinha na rede
A forma do teu vestido.

22

Quando eu'estou no meu destino.
Sou cabra de genio crú:
Engulo brasa de fogo,
Faço vez de cururú.

23

Passarinho está cantando
Para alivio de quem chora.
Si cantas p'ra consolar-me,
Passarinho, vai-te embora!

24

Quem quizer cantar commigo
Sente na ponta do banco,
Que eu conheço gado brabo
De noite, só pelo arranco.

25

Cabra que cantar commigo
Traga na lua da sella
Meia arroba de gengibre
Para tempero da guella.

O casaco de rendas

I

A Joanna Oliveira já tinha passado pela casa dos trinta. Nos cantos da sua bocca, que estava sempre a mordicar, duas rugas fundas obstinavam-se a apparecer, mesmo apesar da camada de pós de arroz que ella renovava sempre, com um movimento apressado de dedos.

Nascera na mesma villa onde morava, na casa cinzenta do seu Guedes, como todos chamavam, em meio áquella mesma aridez de vida.

Sempre pobre, o pai não pudera mandal-a estudar no collegio—cousa que agora sentia profundamente no monotono declinio da sua mocidade.

As moças do collegio eram tão bem educadas!

Nem tocar piano, por que se perdia de desejos, a alma no meio de nuvens doiradas e lindas—que assim devia ser a impressão de uma

bonita musica—nem tocar piano poderia aprender.

Pensando nisto, com uma pressão enorme sobre o coração, a esmagar todos os seus sonhos e aspirações fecundas, passava longas séries de dias aborrecendo a comida, os sinos da igreja, o dormiente aspecto da paisagem quieta e a tudo, enfim, que lhe denunciava vida.

Sua ultima paixão fugira-lhe por causa de um simples defeito physico.

II

Em frente á bodega do Zé de Goes, camisas engommadas lustrando ao sol, sujeitos gosavam o domingo brincando a bola, por entré risadas vivas e sadias.

Sobre a igreja, agora deserta, o sol lançava uma chuva de luz quente, que mais realçava a brancura das paredes, altas e firmes, dominando a velha casaria que se alongava, mesquinha e feia.

Muito tranquilla, a lagoa apparecia distante, como um cinzento lençol sem dobras, e, curvado sobre ella, o bamboal tremia...

Um guarda levava um preso.

—Que foi isto, seu Manésinho?

—Não foi nada, s'a dona. Este cabra metteu-se na cachaça e queria fazer desorde.

O preso olhou o soldado de banda, deu um repellão ao corpo e seguiu, oscillando, o odio e a raiva a lhe escaudarem as veias.

III

O jogo corria animado em casa do Oliveira. Tinha ido fazer uma perna o Arthur Gomes, um rapaz da praça, de muito bons costumes — para o dono da casa.

—E sympathico, accrescentava a senhora Arlinda, mulher do Oliveira.

Arthur Gomes agradecia sempre estes «amáveis qualificativos» com olhares cheios de promessas para a Joanna e com o prejuizo que lhe abalava a algibeira.

—O sr. esqueceu-se de pagar, sr. Arthur, observou-lhe d. Joaquina, muito falante e explicada, os olhos accessos de mais.

O moço passou-lhe uma ficha de papelão, «que o desculpasse, fóra mesmo o esquecimento».

Afastada da mesa, a Joanna brincava o dedo mindinho com uma creança, que tinha aos joelhos, as palpebras cahidas como duas petalas de rosa sobre os olhos languidos.

Que era uma das cousas mais bonitas que ella tinha—suspirava d. Arlinda. Arthur estava cansado de ouvir a elogial-os. Que olhos!

—Oh o sr. está hoje muito dis-

trahido, observou-lhe novamente d. Joaquina, olhando de esguelha para a Joanna. Passe para cá a fchinha...

Desta vez o moço não soube formular desculpa e empurrou o pedaço de papelão p'r cima do panno listado. Poz-se então a olhar para o Guedes que dava as cartas.

Joanna vestia de branco—uma cravina ao peito,—e do seu corpo onde se agitavam restos de uma vontade insoffrida, de toda ella, emanava um cheiro forte de agua da Florida.

Dahi a pouco ergueu-se, deitou ao chão a creança, que correu para a porta, e entrou no quarto. O Arthur, decididamente não a amava! Si a amasse, certo, não estaria a jogar tanto tempo, todo absorto nas cartas, que ella aborrecia tanto.

Até chegavam a lhe dar somno —dizia a rolar no leito, sentindo um vacuo immenso no coração.

E ficou numa modorra.

Despertou com o ruido das pessoas que se aprestavam para acompanhar o moço á estação onde o sino annunciara o trem, proximo.

E seguiram todos, menos ella, que ficara ainda no quarto, certa da sua infelicidade, um desapontamento atroz a augmentar-lhe a dôr.

Quando voltaram, encontraram-na sob uma das suas crises de lagrimas.

Indo ao espelho, para compor a toilette, que tristeza a velha lamina lhe reservara!

Lá estava, flacido, o collo manchado de sardas. E pensar que aquelle casaco de rendas revelara ao namorado uma tal cousa! Maldito casaco!

No céu, alto e concavo, havia um deslumbramento de luz. E distante, quasi indistincto, o trem rolava e para ella, aquelle barulho monotono era como o do despenhar do castello dos seus ultimos desejos.

O Arthur não voltou mais á casa do Oliveira.

Ao saber do occorrido, a d. Joaquina, radiando, mãos no quarto, disse, pensando que podia agora arranjar a filha.

—Ora, ora, uma bicha que já tem esporão!

ROBERTO DE ALENCAR.

Carteira

Antonio Bezerra

Este nosso confrater, que pelo seu talento, pela sua illustração, pela grandeza do seu coração e pelo brillantismo do seu privilegiado espirito é uma das figuras mais distinctas do nosso meio espirital, fez-se de vella para o Amazonas no penultimo vapor do Lloyd.

Depois de algumas dezenas de annos de inestimáveis serviços a nossa terra em si e a todas as idéas generosas e alevan-

tadas que aqui se têm agitado, já em caminho da velhice e tendo aos hombros o peso de uma numerosa familia, viu-se Antonio Bezerra pauperrimo, agrihulado pelas privações, sem protecção, nem recursos, de forma que lhe foi preciso fazer para elle ingente sacrificio de ir procurar subsistencia fora d'aqui, deixando esta terra que elle ama apaixonadamente, incondicionalmente, apesar dos profundos desgostos que tem experimentado tantas vezes e com tanta injustiça para o seu superior valimento moral e intellectual.

Enviando aqui saudosissimos abraços ao querido amigo e valente companheiro, passamos a transcrever as linhas que nos enviou em despedida:

«Devendo partir amanhã para a capital do Amazonas, donde talvez não volte mais, valho-me do jornal para fazer as minhas despedidas.

Aos meus bons camaradas envio daqui um estreito abraço, penhor da minha estima e affeição;

Aos meus desaffectedos, poucos mereço de Deus, que me magoaram por não ter querido ceder a actos menos dignos do meu caracter e educação, perdoo-lhes toda a injustiça a mim feita, visto que não me conheciam;

As minhas amadas associações—*Instituto do Ceará, Academia Cearense, Padaria Espiritual, Centro Litterario, Propagadora da arboricultura, Conferencias de S. Vicente de Paulo e Congresso de Sciencias Praticas*, os mais sinceros votos pelo seu engrandecimento e prosperidade, sobretudo pela ultima que distribue instrucção gratuita ás crianças pobres empregadas nas fabricas e officinas, da qual fui indignamente presidente por tempo de dois annos, mantendo-a com sacrificio, e invoco a generosidade dos meus patriotas: não deixem desaparecer esta sociedade, que presta o maior serviço a nossa patria, levantando o espirito das classes pobres, dos homens d'amanhã;

Ao povo cearense com quem reparti sempre o meu pão, advoguei o seu direito em toda a parte, prometto-lhe o meu auxilio e assistencia com a mesma boa vontade com que me votei ao seu serviço.

E á terra do meu berço, o meu idolatrado Ceará, ao qual desde criança dediquei o meu esforço e vitalidade, servindo-o como voluntario da Patria, como abolicinista, como republicano, como professor de preparatorios durante dezoito annos gratuitamente; como jornalista, como escriptor em seis livros em que procurei-lhe o renome e a gloria, como historiador salientando-lhe os seus nobres feitos e grandezas naturaes, como empregado de Fazenda em inumeras commissões ao interior, a Pernambuco e ao Rio de Janeiro, na Exposição preparatoria de Chicago, que pagou os meus extremos de filho com muita ingratidão e injustiça, malbaratando os meus serviços á ponto de me deixar sem o minimo recurso por mais de dois mezes em Pernambuco, onde examinava eu os archivos á cata de documentos para a sua historia; apesar de tudo quanto hei soffrido, empenho a minha honra em como, sejam quaes forem as condições de prosperidade em que me aché, toda a vez que a minha querida terra precise dos meus serviços, estarei ao seu lado, com o extremado amor que lhe consagro, para defender, ainda á custa da propria vida, a sua soberania e integridade.

Antonio Bezerra.

O PÃO

Da Paçaria Espiritual

Gerente
José Carvalho

Director
Antonio Salles

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Portaleza, 15 de Outubro de 1896.

N.º 35

EXPEDIENTE

“O Pão”

Revista de Litteratura e Arte.
Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	\$500

Só se accitam pedidos de assignaturas para fóra desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua do Major Facundo n. 4.

SUMMARY:—*Os Quinze dias*, Cariry Braúna; *Magias*, Rodolpho Theophilo;—*Carta de um carioca*, Moacyr Jurema;—*Immaculada*, José Heitor;—*Celina*, José Carvalho;—*De branco vestida*, Carlos Victor;—*Um dia em M...*, A. S.;—*A alma e a pena*, Antonio Salles;—*O boi Estrella*, Rodolpho Theophilo;—*Paisagem*, Antonio de Castro;—*Duvida*, Lafayette Silva;—*Bibliographia*, M.;—*Imprensa litteraria*, Carteira.

OS QUINZE DIAS

Felizes e risonhos *Quinze Dias* estes que se escoaram rapidos e que me obrigam a passal-os em escrupulosa revista.

No desempenho desse penoso dever, qual um general, disponho-os em fila ... de semana, manda-os perfilar, encaro-os investigadoramente e o final resultado do meu *exercício* de chronista é que acho todos um pouco desfigurados e magros, mas animadoramente satisfeitos como quem espera a realisação de uma felicidade sonhada.

E de facto: nestes ultimos dias o Ceará tem experimentado no intimo um alvitreiro prenuncio de provavel melhoramento de sorte.

Era bem triste e desconsolador o estado de anemia profunda em que se via este pobre filho do Norte. O Amasonas esgotou-lhe todo o seu rico e precioso sangue, decepou-lhe os vigorosos braços e deixou-o ficar exausto e debatendo-se quasi nas convulsões da miseria. Hoje, porem, o Ceará ensaia levantar-se e levantar-se-ha, mercê de Deus! E sinão vejamos:

Está muito bem começada a iniciativa da extração da borracha dos nossos infinitos maniçobas que ali estão pujantes de rica seiva e que não invejam os opulentos seringaeis amazonicos. Não invejam porque: vendida a borracha a 8\$000 o kilo, como no mercado se vende e regulando, termo medio, o trabalho de um homem 3 kilos por dia, como me consta, está quasi na mesma proporção do Amasonas e é só isto sufficiente para estancar a emigração e constituir inestimavel fonte de riqueza para o Ceará e para os cearenses.

Que se voltem todas as nossas vistas para o fabrico da borracha e que se previna o Amasonas para a seria competencia que lhe vamos faser, na certeza de que não nos levará mais um só braço dos que felizmente ainda nos restam e que infelizmente não nos chegam.

Cearenses! aos maniçobas e finda será vossa pobreza!

Infelizmente, como disse, não nos chegam os poucos braços que ainda felizmente nos restam.

E, como nosso governo cogite de um tratado de immigração estrangeira, venho lembrar um alvitre que acho interessante e pratico debaixo de todos os pontos de vista: Ao invéz da immigração chinesa, se faça a immigração polaca.

Não sympathiso nada com aquella escandalosa rabicha e muito menos com o formidavel par de ventas *apragatadas* e chatas dos filhos do ... chinês imperio.

Alem disso, de cousas chatas, basta a nossa propria cabeça tão tradicionalmente conhecida.

Abramos o nosso hospitaleiro lar e façamos vida comum com essa infelizes activa e distincta raça filha da Polonia!

Intelligente e nobre povo creado no ostracismo da patria que injustamente lhe roubaram, e que tem sido purificado no cadinho de todos os soffrimentos afflictivos que por ventura possam cair sobre o destino de um povo.

Como eu vos amo desventurados polacos! só porque de alguma forma acho parecida vossa sorte e vosso caracter com a sorte e o caracter do povo cearense!

Abramos nossos braços para fraternalmente apertar as immigrantes colonias polacas e em breve o Ceará será conta-lo no numero dos mais felizes estados da União Brasileira. Por minha parte, para este fim, empenho todas as forças

do patriotismo de que disponho e até se for preciso poderei firmar um pacto com o governo: venha a immigração polaca, que este humilde chronista, rapaz solteiro, livre, *desempedido*, se comprometter (isto em segredo para quem algum não saiba) casar com uma polia immigrante, só exigindo que seja ella bonita e virtuosa. Ella, uma outra Rebecca que será a base de um culto povo abençoado por Deus, de uma outra tribu de Israel sua escolhida e amada; mas que, confid... não se tornará tão caipota depois! Do casamento de polaco com cearense, acredito que sahirá uma raça de gigantes ou de anjos, como diz a Biblia que nos primeiros tempos apparecia a raça privilegiada dos filhos de Deus com as filhas dos homens.

De-nos, Sr. Governador, a nós cearenses a felicidade da immigração polaca, e a mim em particular a suprema ventura de ser o patriarca de uma raça de escolhidos!!

Como se todas essas felicidades emmi-nadas acima não chegassem para levantar o Ceará, está a nos chegar outra que passo a relatar aos leitores do «Pão» reservando para ella todos os direitos e garantias de boato.

E' que vem nos chegando a porta com o Barão de Ibiapaba o prodigioso Padre Keneipe que tem assombrado o mundo com a sua maravilhosa *cura d'agua*. Si é exato que o velho tomou essa feliz resolução, então Cearasinho preparai-vos para não faser uma triste figura!

E' necessario apresentar-vos com um copioso inferno para que não haja falta d'agua para o Instituto e assim ficar *caem* bem desmentida a triste fama de terra da secca. Muito cuidado, pois!!

Ao lado dos resultados felizes do Instituto Keneipe que será levantado na Conceição de Baturité, já estou prevendo as tristes consequencias de uma guerra promovida por trez classes de gente: medicos, pharmaceuticos e sapateiros!

Isto é certo, inevitavel, fatal, *chargez l'argent*! Mas, meus Senhores, eu muito encarecida e antecipadamente vos peço que não brigueis emquanto aqui se demorar o homem que deixeis as *descompósturas* para depois de sua retirada porque ficarei confiado que com o *aguacero* da atmosphera cearense e a vossa repremida calma, o prodigioso e humanitario medico—padre ficará satisfeitissimo por nos haver feito a sua preciosa visita e nos haver dotado com tão inestimavel melhoramento!

Cousas do mundo! quem haveria de dizer que veria um tempo em que todos os nossos males seriam curados com agua simplesmente! Que agua, que tanto possuímos, no mar, no seio da terra, no ar, em toda parte e com tanta abundancia vinhesse substituir a droga, derribar as plantações e constituir-se o remedio universal para todas as humanas enfermidades do corpo!?

Ah! meus Deus! como tudo se vê neste fim de seculo em que se descobriu mais esse prodigioso effeito, d'agua que para tanta cousa já nos servia e que com tanta prodigalidade creaste, approximai os tempos em que no Brazil as pedras e as folhas também tenham o valor de dinheiro, para ver se assim subirá o nosso cambio, e se poderão equilibrar as finanças do meu Paiz!

Por todas essas esperanças de felicidade para a nossa terra, foi que achei risinhos e felizes os *Quinze Dias d'O Pão*. E como dizia um meu compadre que o melhor da festa é o tempo que se leva esperando por ella, aqui faço ponto e vos convidei a esperar pela realisação dos grandes acontecimentos futuros.

CARRY BRAGA.

MAGUAS

(N.º 1.º — M. E. L. G. R. Z. N. D. O.)

Nem mesmo sabes tuas minhas maguas...
Para poucar teus prantos e desgosto
Cusro de risos o meu triste rosto,
Da coração escondo as rudes fragoas.

As minhas penas em silencio trago-as,
Qual trago a noite os raios do sol posto;
E penso meu viver eterno gosto,
Um singrar de batel em mansas aguas...

Acesso vêm à terra as harmonias
Das espheras que boiam nas sombrias
Regiões do universo sideral?

Ah! também entre nós um vacuo existe,
Abismo a dissolver tudo o que é triste
E que pode à tua alma fazer mal.

— M. E. L. G. R. Z. N. D. O. —

Carta de um carioca

Continua o nosso hospede:

— Tu e eu, como todos os que no Rio se occupam de letras, seja como cultores, seja como simples amadores, nos impressionavamos fortemente com o que notavamos de prosperidade intellectual neste Ceará— terra de um incontestavel relevo original entre as suas irmãs da União Brasileira.

Rara era a semana em que a imprensa fluminense não accusava o recebimento de um livro publicado aqui.

Eram-nos familiares os nomes das associações.

— Instituto, Padaria, Academia, Centro etc e de escriptores cultivando com affino todos os generos litterarios.

Diante desse brilhante e enthu-

siastico movimento espirital, nós nos tomavamos de inveja ao contemplar a inanidade do meio litterario da capital da Republica, onde o desprezo publico pelas cousas da intelligencia corre parelhas com a falta de solidariedade, com o isolamento egoistico e mesmo hostil em que vivem os homens de letras.

A lucta pelo successo no meio de um publico sem educação intellectual, de paladar estragado pela fancia franceza e pela pornographia portugueza, divide o nosso mundo litterario em pequenos grupos intolerantes, que por sua vez se subdividem em individualidades cheias de pretensões e vasias de saos e nobres idéas artisticas.

Apenas alguns convencidos, alguns temperamentos litterarios intransigentes como Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Coelho Netto e pouquíssimos outros, se mantêm penosamente nos seus postos, á margem do mercantilismo dissolvente e do *bibelotismo* que collocam a Arte nas mesmas contingencias da Moda, fazendo-a vestir extravagantemente, para armar ao effeito, idéas aleijadas e rachiticas.

Nestas condições voltavamos nós consoladamente os olhos para o Norte e imaginavamos que uma nova Athenas, ou Weimar, ou Villarica desabrochava sobre as praias cearenses, ao calor do glorioso cêo da terra da luz.

O desejo de ver de perto esta phenomenal florescencia litteraria foi que me fez vir de preferencia para o Ceará, a despeito da distancia e de umas tantas inconveniencias que não apresentaria um passeio a Juiz de Fora ou a qualquer outra cidade mineira.

E cheguei, vi e... verifiquei que a cousa não é tão bonita quanto parece de longe.

Mas tambem não é tão feia quanto ahi.

Nota-se enthusiasmo, desinteresse e fraternidade entre a gente que escreve, o que se não dá geralmente ahi. A differença consiste em que no Rio já se procura fazer das letras uma profissão, e tal tentativa encontrando de frente um publico refractario, redunda em decepções que azedam os espiritos e dão em resultado a situação irritante que já assignalei.

Aqui não:—os que escrevem se resignam á posição de amadores e só trabalham nas horas que lhes sobram dos labores da vida pratica.

Ningnem se arrisca a imprimir

um livro confiado no publico, que é o mesmo de todo o Brazil. Sómente, como o meio é pequeno e toda a gente se conhece, o burguez, por *attenção* ao auctor, acceita o livro, que em geral não lê.

De fôrma que o apregoado movimento litterario do Ceará consiste apenas na tenacidade de alguns alienados e na *tolerancia* pagante do publico.

E é nestas condições que o Instituto estuda proficientemente a historia do Ceará, que a Academia discute theses scientificas e que a Padaria Espiritual e o Centro Litterario fomentam o movimento litterario.

O auxilio do publico não é porrem sufficiente para as despezas de impressão, e assim tem lugar esta circumstancia deprimente para a circumstancia brasileira—paga-se para escrever.

Raros e talvez mesmo nenhum dos que têm publicado livros aqui, se podem gabar de o ter feito sem deficit.

O *Pão* e o *Iracema* são sustentados em grande parte pela bolsa dos redactores, e si tanto não acontecer ás revistas do Instituto e da Academia é porque o Governo lhes concede uma pequena subvenção annual.

Ora aqui tens o reverso da bonita tcla que nós contemplavamos em espirito com um desvanecimento que concorria para mais serenamente julgarmos o meio litterario da *litterophoba* capital da Republica.

Em todo o caso, não é completa a nossa desillusão:—ha boa vontade, ha talento e emulação nesta geração cearense entre a qual já se contam alguns nomes de valor e donde podem sair com mais algum tempo de estudo e de trabalho escriptores que venham a honrar as letras naci naes.

Quanto á formação de um publico que os estime e consagre, não é licito aventar hypothese alguma... Parece que á educação brasileira preside cada vez mais a preocupação constante do lado pratico e material, do provento a auferir immediatamente, que é a morte de toda a elevação moral, de todo pensamento verdadeiramente nobre e desinteressado, como o affirma Maurice Leloup nos seus interessantes estudos sobre a educação franceza.

No Brasil não ha publico legítimo porque a nossa defeituosissima instrucção não incute nos espiritos jo-

vens nenhuma noção de gosto literário, que não só não prejudica as occupações praticas como até as suaviza, trazendo á existencia uma porção de espiritualidade indispensavel para que o homem seja um ser tal como a civilisação o fez».

Aqui termina a parte publicavel da carta do illustre moço fluminense, que a estas horas singra os mares em rumo de sua terra, levando o figado limpo de bilis e o coração (disse-me elle) cheio de saudades de nossa terra, que tão curiosas apreciações lhe despertou.

MOACYR JUREMA.

✽

IMMACULADA

a essa que possui uma sublime ignorancia--a do Mal.

Teo coração, alvo como um fechado calix de liz, que en penso brandamente beijado por um anjo, certamente não devêra do meo ser penetrado...

E' tu'alma, tão santa como o alado, tremulo som de um osculo tremente de Maria em Jesus; bem tristemente penso-o: unida á minha--altar manchado...

Doe-me!... Porém se a minha pobre alma ás vezes vela o escuro, o negro manto que passando por nós o Vicio espalma

o affecto que por ti nella fluctua (o meo olhar te diz!) é puro, é santo como a bemdita ignorancia tua!

JOSÉ HEITOR.

✽

Celina

A MINHA IRMÃO

Não se trata da encantadora Celina do *Cusamento e Mortalha*. E' verdade que, poucos dias antes, haviamos lido esse interessante romance, quando um dos nossos moradores offereceu a minha irmã uma *vianna* roubada impiedosamente do ninho entretecido muito alto, na fronde de uma palmeira visinha.

Foi de um terrivel contraste a dor desesperadora, angustiosa dos loucos paes da pobre avista inconsciente, a pipillar e o nosso jubilo, as alegrias estridentes de todas as crianças ao redór da pobre que alli se achava presoneira, roubada.

Ella, quasi toda implume, com frio, nos olhava indifferente, ás vezes cerrando os olhos, alonita por se ver rapidamente transportada a outro mundo tão extranho, tão feio para ella, que estava ocostumada a liberdade do ar livre, ao romujejo da folhagem e a familiaridade consoladora dos paes. Os seus carinhosos paes--que n'uma impaciencia caridosa e amoravel voavam, percoriam tudo, investigavam as moitas, iam cantando ao mi-diurno e voltavam com alimento ao ninho festivo de pipillos, ao ninho quente dos pequerruchos.

Não comprehendia ella que os nossos paes, (para seus ouvidos, talvez grosseiros desarmoniosos,) fossem manifestações de alegria tributadas a sua pessoa.

Nas primeiras horas não lhe faltaram desvelos e cuidados por parte de todos que disputavam o logar de... *pae adoptivo*, o que não era trabalho algum, pois que, a pequenita, toda emplumada de preto, os encontros das asas orlados de delicada sombra amarella, quando sentia fome, apenas via o pallito levando á extremidade uma pequena lagarta, ou uma gotta de leite, abria avidamente o bico e engolia com praser o que se depositava, pouco se lhe importando que viesse da parte de seus carinhosos paes ou das mãos sacrilegas que lhe violaram a liberdade.

(Inocencia! por certo, porque a maior parte dos passaros quando prisioneiros velhos morrem na gaiola sem receber alimento algum).

Passavam-se os dias e ella expandia-se, tornava-se mais robusta, vivia aos poucos, recebendo a influencia do novo meio.

A plumagem coloria-se; o seu corpo perdia a rotundidade primitiva de formas e adelgacava-se prestando-se ao ensaio, ao requebro rapido do vôo. A pequenita deixava a primeira infancia.

Saltava pelas travéssas da gaiola e espreitava o mundo por entre os anarells pallitos de sua prisão.

Era-lhe preciso agora o baptismo e eramos precisos tambem um nome doce, delicado, que correspondesse ao pertil gracioso da gentil baptisanda.

—Celina! foi o nome subtil que occorreu aos labios de todos.

Celina era a fantasia vaporosa e azul que nos emocionava a alma! foi portanto o nome da nossa escrava. Escrava? que digo? Não! não podia, por certo, ser nossa escrava quem amavamos tanto: companheira, irmã ou amiga, era o que era Celina!

A primeira nota de canto que ensaiou, todos nós ouvimos, todos estremecemos de alegria; foi um acontecimento esplendido e feliz.

Contavamos uns aos outros que Celina havia cantado. Os mais exagerados, como o Tristão, desiam que havia sido um canto completo, harmonioso, tal como o das viannas do campo.

Não o foi porem.—a bem da verdade—foi simplesmente uma nota incompleta meio guttural, um ensaio tímido: o seu primeiro *balbuciar*.

Outros, porem, succederam-se; e nos primeiros dias a cantora presoneira prendeu todas as atenções em torno de seu carcere.

(Predistinação admiravel a das aves! roubadas ainda implumes ao ninho, trassem consigo, para soltar mais tarde, o canto peculiar a especie!)

Não foi esta, por ventura, a phase mais interessante de sua vida e de nosso entusiasmo. Não é que não fosse uma quadra de alegrias e de cantos—plena alvorada de vida—mas era que ella e nós por outros acontecimentos haviamos de passar.

Pela manhã, apesar do escuro da sala em que dormia, Celina despertava com os passaros da floresta, com seus irmãos que gosavam a liberdade do ar e da selva.

Quando todo o campo despertava ao albor magico da madrugada, quando o espaço, aqui, alem, em toda a parte, se enchia com a orchestra imponente da passarada, ella ruflando alegremente as asas, saltando a doce melodia de suas notas, parecia nos dizer: E' hora! levantavos, eu já despertei!

Levantavamos, somnolentos, entremu-

nhando, e a encantadora Celina revoltando alegremente na gaiola, n'uma alegria saltitante, cantava de mil variadas formas, arremedava fielmente a todos os passaros que ouvia cantar e assim passava o dia travessa e alegre, satisfeita da vida como uma criança traquinas.

Poderia dizer que a nossa avestã tinha alguma coisa de humano, si não comprehendesse que esta idea é bastante grosseira para exprimir a doce suavidade de formas, a impressão delicadissima, o donaire gracioso que inspirava aquelle corpinho franzino, negro, subtil, servido de uma garganta flexivel que se prestava as mais exquisitas e suaves modulações do som, a mais caprichosa harmonia.

O que tinha ella de humano, portanto, era somente a nossa admiração e o nosso amor.

Havia em seu ser tudo de ave mesino e muita coisa de sylpho, de um geniosinho vaporoso, aereo, que nos cantava á fantasia quando perdida no mundo delicioso do sonho.

Parte integrante de nossa familia Celina nem por um instante teve um desaffecto, nunca conquistou uma inimisadinha passageira embora, tão commum entre os... meninos.

✽

Um dia, ao amanhecer, ninguém ouvio o seu canto: passou despercebida esta falta até que sua *dona* chamou a attenção da casa:—Que de Celina?!—Não está na gaiola!

A esperança de que ella estivesse por alli, ao pé, desfez-se quando foram percorridos todos os quartos, removidos todos os moveis e não se deu pelo menor signal de Celina.

A principio, uma surpresa mesclada de incertezas e duvidas assomou ao espirito de todos: depois a verdade acentuava-se evidente, a ansiedade crescia cheia de conjecturas entristecedoras, fataes.

—Onde estaria Celina?

—O que seria della?!

—Os gatos?—Seriam os gatos? ou teria voado para o campo?!

Não havia noticia, não se podia encontrar o mais simples indicio por onde se podesse chegar a uma evidencia qualquer mesmo por mais triste que fosse.

Foram cuidadosamente percorridas as cercanias da casa; bateram-se todas as moitas, foram balançadas as arvores visinhas, revistada a casa; nem uma esperança! nada! Tudo selencioso como um sepulchro!

Recahiram nos gatos todas as suspeitas.

—Foram os gatos! foram os gatos!

O Tristão—o mais exagerado de todos—garantiu que ouvira o *rosnado* de um gato como que comendo alguma coisa—verdade era—disia elle, que não estava bem acordado! mas ouvira!

Uma revolta de objuratorias e de odios recanhi fulminante contra os bichanos que eram presos e maltratados sem a menor garantia. Foi promovida uma guerra de exterminio contra os traçoieiros assassinos de Celina.

—Impiedoso, cruel, o gato que commettera tamanho delicto!!

A confusão tornava-se tumultuosa: queriam todos conjecturar *acertadamente*, sobre qual fora o assassino.

—O Mimoso! desiam uns—foi o Mimoso, é o seu costume pegar passarinhos no terreiro!

—Não! pode ter sido o Formoso! é o mais ladrão!!

—Mata-se! desiam os mais exaltados.

—Não! havemos de os saltar longe, lá no meio da mata, levaremos em um sacro, não acertarão com a casa!

Ficou finalmente resolvido darem-se os gatos de peito a quem os quisesse aceitar, não ficando elles, porém, isentos de uma formidável surra.

A colera succedeu-se a tristeza.

Oh! Celina tão delicada! E a formosa que era! e morta traçoira, cruelmente, talvez! Os nossos olhos marejavam-se, e logo nos muito amargos, muito verdadeiras. Não nos podíamos accommodar com tão funesta e desconsoladora verdade.

Havia, contudo, a vaga esperança de que se podesse ainda viver, que tivesse vindo para o campo! Isto, porém, era muito vago e não compensava a nossa dor.

Cada dia, mais se acentuava a nossa admiração completa, incondicional, cheia das mais saudáveis recordações.

Em sentida conversa lembravamos o seu canto harmonioso, meigo, a delicadeza de suas formas, a maciz avelludada de sua plumagem preta orlada de amarello.

Si algumas vezes ouviamos cantar uma *rianna* coríamos a investigar presurosos, a ver si era ella que ingratamente nos tivesse abandonado.

Quantas saudades! quantas recordações de Celina ao vermos um delicado casal de *rianna* descuído, feliz, a cantar e a voar pela campina agora!

Entrara o inverno. Toda a Natureza era festa, a passarada, pela madrugada, chegava ao delírio do canto: um hymno festivo de alegria irrupia do seio da terra.

A chuva torna-se a providencia da vida, todas as cousas rivem como tocadas por um condão de fada.

A manhã de um dia surgira bellissima de luz e de festa. A collina visinha, toda banhada de sol, parecia uma montanha de ouro sombreada pela esmeralda da relva.

A alegria das cousas exteriores entrava-nos porta a dentro e nos vinha despertar no leito, infiltrando-nos na alma anccios de inspirações e de risos.

Um brado alvicaireiro, intimo de contentamento partiu de alguns labios:

—Celina!!—Celina está aqui!

E ella—a nossa graciosa fugitiva—alguma coisa differente, voltava a nossa casa, e por cima de sua abandonada gaiola, saltava delirante de alegria, saudando a tudo com mil variedade de canto, festivamente satisfeita, n'um regoijo profundissimo de amor que se irradiava palpavel.

—Voltara!—desiamos n'um desafago de saudade!—Teria ido conviver com os seus?

—Quem sabe?

Foi um delírio de festas e alegrias reciprocas. O adeus eloquente da recém-chegada unia-se com a cantante expectação de nossas almas jubilosas pela boavinda que se nos afigurava uma resurreição deslumbradora e feliz.

Celina havia voltado!

Coara 96.

JOE CARVALHO.

De bianco vestita

A. Y.

Nessas de neve vestes vaporas
Acommodada, é quando certo encanto
Encontro em ti, rememorando as rosas
Puras, molhadas de um orvalho santo.

Assim, mais casta; as formas gloriosas
Tanto se ostentam, te embellezam tanto.
Cheias de vida morna, nesse encanto
De vestes brancas, vestes vaporosas!

Mais se assemelha ao bogary nevado
Esse teu collo, assim alvoroçado,
Transparente e de perfume cheio.

E eu que te anccio allucinadamente
O aroma sorvo, como a loira e ardente
Abelha a rosa lhe aspirando o seio.

CARLOS V. LOR.

Um dia em M...

(Notas de um tudambulo)

O ruidoso relógio, pregado em frente da minha rede, atro ou 5 horas justamente quando eu despertava em meio de um sonho complicado e incoherente.

Levantei-me lesto, e armado de toalha e sabonete lá me fui rumo do banho.

O ar fresco e tonificante cheirava, embalsamado pelas acacias sylvestres que se perfilavam ao longo dos velhos muros sem reboco e das cercas emmaranhadas de trepadeiras.

Banhistas madrugadoras, como eu, sahiam tambem de casa, toalha aberta sobre os hombros e cabellos soltos sobre a toalha.

Para alem das velhas casas de engenhos os cannaviaes se alongavam num ericamento de laminas verdes e tremulantes.

Vinha de lá um cheiro forte de garapa fermentada, de mel e de aguardente.

O riacho cantava ao fundo dos grotões a sua melopéa monotoná...

Prelibando as delicias do banho, desci o caminho pedregoso, de um declive rapido e achei-me em frente da cascata, a ecochoar sonora e timpida sobre lagedos—brancos do sabão das lavadeiras.

Ah! como a minha pobre pelle tostada do calor das casimiras estremeceu de goso ao contacto daquelle jorro caricioso e frio!

II

No pateo interior do quarteirão do commercio se eleva o barracão onde se retalha a carne disposta sobre as bancas em grandes postas sangrentas com manchas de gordura de um amarello vivo. No passeio que o circunda se pompeiam, como nas boas estrophes, rimas de ouro...

do ouro fulvo das grandes laranjas dulcurosas e das bananas de epiderme setinea a desafiarem o appetite embotado dos pracionos endominguados que chegaram no trem da manhã e as compram com acoadamento.

Caquês com rapaduras, cestas com beijús, pyramides de luhames e batatas rafadas, taboleiros de bróas, pilhas de rapaduras, redes, ervas e um infinidade de artigos se exhibem numa confusão pittoresca, que os matutos mercadejam ao sol, que começa a aquecer damnadamente.

Fóra, na praça, numerosa cavallaria amarrada ás arvores, parte selhada, parte encangalhada, espera co-chillando os domos que andam a fazer a sua provisão de fazendas e comestiveis até que chegue a hora da missa.

Um ébrio habitual, já *prompto* áquella hora, faz as delicias da meninada, que o instiga a fazer tregeitos comicos e a soltar grandes phrazes de um pronunciado sabor nephelibata, pelo imprevisto e pelo incoherente dos seus conceitos...

O sino bimbalha forte, e caminho da egreja segue o vigário estampando na tonalidade alacre da paisagem a sua silhueta fina e lugubre...

Grupos de fiéis convergem para o templo, humilde e triste com suas velhas portadas destingidas e as suas torres gretadas e ennegrecidas pelas invernias.

E no scenario aldeão eis que apparece de subito uma nota parisiense, de uma dissonancia estridula: —um guapo latagão da terra passa vertiginosamente sobre elegante bicycle,—um legitimo *Désse*, nickelado, pneumático e... sacrilego!

III

O sol a pino encandece o ambiente, onde pésa um silencio cheio de tedios amollentadores. Nem um transeunte ousa arrostar a soalheira canicular das ruas pulverulentas, de cujo pavimento se eleva perceptivel a irradiação tremula da terra combusta.

Todo o panorama em frente arde na devastação desoladora da luz crua.

As paredes brancas, batidas do sol, têm brilhos offuscadores. Apenas de vez em quando anima a paisagem um vulto de cavalleiro que passa regressando aos lares.

Um vento rijo e morno sopra pelos telhados com um amplo rumor de vaga que se desdobra, e ao som das melodias de *Ventôse, qui sait tant de chansons*, as folhas seccas rodo-

piam numa sarabanda de sylphos allucinados.

Aos acalantos do vento o meu corpo verga languidamente, e as minhas palpebras teimam em fechar-se sobre a paginação sentido-me parece mais indecifrável do que a celebre tirada em cifras de Balaam na *Philosophie du mariage*.

A natureza tropical, com toda a intensidade da sua quantidade estival, envolve corpo e alma numa atmosfera de desalento e tédio.

IV

Mas para traz se alçaria a serra, sobranceira e risonha, «vestida de sol e enfeitada de verde», retalhada de torrentes claras, onde se destacam as zonas cultivadas, reconhecíveis pela symetria das linhas de plantações e pelo tom claro da verdura.

Tem-se a illusão de sentir de cá da charneca resequeida a frescura daquella região edenica, e experimentam-se desejos violentos de subir para ella buscando um abrigo á sombra das suas grandes arvores, matando a sede dos poros e da garganta a mergulhar com volupia nas suas aguas crystalinas e a sugar gulosamente o succo dos pomos que pendem mamiformes dos seus laranjeas viridentes...

V

Entardece precocemente aqui, porque logo ás cinco o sol se esconde por detraz da serra, e a sombra desta cobre suavemente uma vasta extensão que se prolonga muito para além da casaria. Só as eminencias opposta á serra continuam illuminadas até as proximidades do pôr do sol.

A planicie se alaga então da meia luz de um crepusculo ficticio a esbater os tons asperos da paisagem, por onde a vista passeia repousadamente.

Formam-se rodas pelas calçadas e vêem-se passar os leões da terra sobre os seus garbosos cavallos de zella, que *equipam* correctamente, num passo miudo e rapido, de peçoço *encapotado*, quasi a tocar com o beico inferior nos largos peitos musculosos.

Uma grande paz bucolica paira sobre as cousas, e a alma se fecha gostosamente num recolhimento doce que se culaiva de mysticismo quando as Ave-marias reboam lentas e graves no ambiente encinera-do e almo.

Os transeuntes se descobrem contrictos, e uma revolta de precos sube ao céu de envolta com as no-

tas plangentes do bronze sagrado.

VI

A noite escurissima envolve tudo lá fóra. Ouve-se perto um trovador cantando uma modinha apaixonada ao violão, que solta gemidos dos seus bordões fortemente vibrados.

As casas jorram ondas de luz pelas janellas.

Ao longe, um amplo clarão avermelha os ares—é o fogo que devora os destroços de uma *leira*, á qual já se colheu a canna, e a prepara a produzir uma *socca* pujante e vigorosa.

São apenas 7 horas, mas a conversa esmorece sensivelmente, pontuada de bocejos incoercíveis.

Nota-se então que a noite está cálida, que as palmas dos coqueiros em frente não se mechem.

E para que não se occupe a gente da vida alheia, que é a distracção obrigada dos logares pequenos, e como o livro encetado se torna absolutamente inabordable, toma-se um baralho e joga-se *tres-sete* até á hora do chá.

A. S.

A alma e a penna

... o que a mão não escreve.
Olavo Bilac

Pobre lamina flexivel
Sobre esta landa pendente!
Tudo o que a alma humana sente
Tentas pintar... Impossivel!

Ha sentimentos agudos,
Singulares, transcidentes.
Que as palavras impotentes
Deixam para sempre mudos.

Alem dos risos banaes
E dos gemidos vulgares,
Na alma ha gostos e pesares
Que não exprimes jamais.

Ha sensações exquisitas,
De um profundo e ignoto alcance.
Que nos ferem de relance
E nunca foram descriptas.

No teclado da linguagem
Nota não ha que traduza
Um echo só da confusa
Voz desta intima voragem.

Porque ha em nós um *maelstrom*
Que turbilhona, esfuzia,
Ruge, freme, rodopia
E tudo em breve consome.

As vezes no oceano da alma,
Azul, sereno, risonho,
A pura galera de um sonho
As brancas velas espalma.

Voga por alguns instantes
Da luz ao rutilo brilho,
Enquanto no tombadilho
Sóam festivos descantes.

Mas ao barathro secreto
Que tem o mar da consciencia
Leva o fluxo da existencia
O pobre sonho dilecto.

Aos sorvedouros profundos
Lá vai o barco sem rédea...
E se consuma a tragedia
Dentro de poucos segundos.

As linhas calmas do rosto
Quem entanto nos espia,
Nem nos sondou a alegria,
Nem nos percebe o desgosto.

E si no fatal momento
A fragil penna empunhamos,
Ella verga como os ramos
Sob os açoites do vento.

Penna! a premir-te na mão
Com que febre ás vezes busco
Dehuxar num traço brusco
O raio de uma paixão!

A esgrunir-te eu invisto,
Esboço linhas bizarras;
E quando afinal esbarras,
Exclamo:—não! não é isto!

A sensação percuciente
De ventura ou de pesar
Tu deixaste-a resvalar
No fundo abysmo inclemente.

Agora é tarde! Estes lassos
Dedos á acção não convides!
—Da alma os fulgentes bolides
Se extinguem sem deixar traços.

Nem mesmo o olhar da mulher.
—Águia para os sentimentos
Podera nestes momentos
No abysmo o seu rastro ver.

Oh! penna! Quanto fui louco
Em desejar ver escriptas
Essas cousas inauditas
Que me agitaram ha pouco!

Senti algo de superno,
Feito de pranto e de riso.
—Delicias do paraíso
E soffrimentos do inferno.

E a penna fria e flexivel
Que empunhei nesse momento,
Ensaaiando um movimento,
Traçou na lãuda—impossivel!

ANTONIO SALLES.

O boi "Estrella"

(Excerpto de um romance em preparação)

Tão embebidos iam os amigos na conversação que chegaram á raizdo „Serrote da Onça“, sem se aperceberem disso. O grito metallico de uma araponga, vibrado no espaço do cimo da mais crescida arvore e repetido pelo echo de covoadas em covoadas; aquelle som estridulo de ferro batido de malho que bigorna veio lembrar aos vaqueiros o „Serrote“, e por consequencia o „Estrella“.

Era quasi meio dia, e o sol descendo verticalmente sobre a terra,

n'uma reverberação de cegar, batia nas superfícies das rochas e das arvores e nellas se entranhava o calor e os raios luminosos se refrangiam no ar.

Os vaqueiros subiram a ladeira sem grande tropel. A menos de meia legua ficava o «Olho d'agua dos Macacos», bebedoiro do «Estrella». Quanto mais se approximavam da aguada mais moderavam a audacura dos cavallos. Quasi não se ouvia pisar os animaes.

O boi havia deixado a *malhada*, a cama feita no saibro pelo seu corpunzil de duzentos kilogrammas a sombra de um folhudo pão d'arco e veio ao bebedoiro. Era um bonito exemplar bovino. Tinha o pello negro como carvão e lustroso como se estivesse coberto de verniz.

Duas malhas brancas, symetricas, em forma de aza de jurity enfeitavam-lhe as ancas.

A cabeça, armada de um par de cornos bem talhados e terminados em pontas agudissimas tinha no meio da testa uma mancha alva em forma de coração.

Era soberba a carnação daquelle animal. Avaliava-se a rijesa e a força da musculatura pela vibração da terra quando era pisada pelas patas do boi. O chão estremecia com o seu andar; e o ar se revolucionava, como si nas altas regiões da atmosphera uma massa aerea se tivesse deslocado, quando uma expiração plena sahia do peito da rez! O arquejo passava como um remoinho levantando as folhas seccas que cahidas estavam por perto e ia atufal-as no tronco das arvores proximas.

O boi era mal encarado; tinha os olhos vivos e pretos e sem a expressão melancolica da sua especie.

Era máo, bastava vel-o para certo se ficar diisso.

O bebedoiro ficava no fundo de uma grota e era accessivel por duas ladeiras oppostas uma a outra.

O «Estrella» desceu pela rampa do norte e precisamente quando ia por a bocca n'agua assomaram os vaqueiros no cimo da ladeira do sul.

O boi ergueu a cabeça e deu tão grande sopro que agua espadanou em chuva n'uma grande area; vendo os vaqueiros com incrível agiltade voltou-se e galgou a rampa pela qual havia descido.

Mal os olhos de Queiroz e de Belmonte divulgaram na aguada o vulto negro do boi zuniu no ar o tropel dos cavallos que corriam a toda brida descendo a ladeira, cuja ingremidade favorecia a descida mas impe-

dia de darem a carreira a velocidade que desejavam.

Os cavallos acostumados áquelle serviço mal avistaram a rez dispararam, sem precisar que as redeas os avizassem ou que as esporas do cavalleiro tocassem-lhes as illargas. Em um instante desceram e subiram as rampas, e quando o «Estrella» entrou em terreno plano e em franca catinga entraram com elle os vaqueiros.

A carreira era douda, vertiginosa de uatta a dentro. O vento zunia n'um assobio fino e unico nos ouvidos dos homens e dos brutos, e a floresta se sumia n'um pastel esverdeado aos olhos d'elles, a seguirem na batida do boi, que abria caminho com as pontas e o corpo no cerrado mattagal.

Os espinhos dos urzacs, composto em sua maioria de *unha de gato*, retalhavam a pelle dos animaes, que nem os sentiam se lhes enterrarem nas carnes; o mesmo não acontecia aos homens porque as vestes de couro protegiam-lhes o corpo das arranhaduras d'aquellas aceradas garas.

Nos primeiros momentos que se seguiram ao encontro ninguem soube se o «Estrella» ganharia a partida ou se os vaqueiros. A balança esteve a pender para o lado do boi, mas o «Pensamento» passando o «Curioso», corria na trazeira do bicho, *péga não péga*.

Uma bulha infernal, uma estaladura incessante de paos que se quebram, misturada ao som cavo do tropel das bestas a correr desenfreadamente era o que se ouvia na solidão da matta naquelle pedaço de terra.

O cavallo de Queiroz encontrou o boi quando este topando com os peitos uma mouta tecida de cipós de cascada, não ponde rompê-la com a presteza que requeria a occasião.

O vaqueiro nem soube do incidente, e enrolando na mão a cauda da rez quando esta erguia os quartos na carreira em que ia, solevantou-a um pouco para um dos lados desequilibrando-a, e ella despejou-se no chão. A força, o movimento que a animava fê-la se enrolar na terra em repetidas cambalhotas.

Queiroz saltou do cavallo e sugeritando a rez pelas pontas, gritou á Belmonte, que vinha chegando:

— Rejeite o boi!...

O matuto pulou do cavallé e desamarrrou do rabicho do *ginete* cordas de couro crú e uma mascara tambem de couro.

Depois achegou-se á cabeça da rez e assentou-lhe na cara a mascara, que era um quadrilongo de cerca de trinta centimetros de comprimento com bastante largura para tapar os olhos de um boi.

A venda ficou bem justa desde a raiz dos chifres até as aberturas das ventas pelas presilhas, que a sustinham amarradas sobre a saliência das queixadas.

A rez não se mexia; parecia morta. O atordoamento da queua, a commoção vibrada em todo o seu *systema* de nervos pelo choque, que recebeu seu corpo desaccordaram o bicho o tempo necessario aos vaqueiros para o manietarem a vontade. Mascarado que foi elle, Belmonte metteu-lhe os cornos dentro de um laço, que apertou sobre o *cabello louro* e feito de uma valente corda de couro crú, cuja ponta amarrrou a uma grossa arceira, que ficava proxima.

O boi continuava a não dar accordo de si.

Queiroz quasi duvidando da vida d'elle, soltou-lhe as pontas e deu-lhe na pausa um formidavel pontapé, que acompanhou de um grito estridente.

O bicho accordou e levantou-se ligeiro como uma onça. A primeira sensação que teve foi a da venda, que não o deixava enxergar senão dos lados. Desesperado cabeceou repetidas vezes para sacudir fora a mascara; mas baldado eram os seus esforços: a peça permanecia collada a cara.

Desembestou, então, suppondo-se solto, mas poucos foram os passos, a corda acabou-se de sopetão e a para da subita deu em resultado a mais formidavel cambalhota.

O bicho ergueu-se ainda mais damnado e vendo-se preso deu um urro medonho que atroou montes e valles. Saltava, remetia, cabeceava, escabujava punha em jogo todos os seus meios de acção para se livrar da mascara, para quebrar a corda; mas embalde, não cahia a venda, nem um filete da trança partia-se e muito menos se aluia o mourão.

Queiroz e Belmonte fora do alcance do boi, que jogava a cabraçga, assistiam áquelle espectáculo e bem differente era o que sentiam. Joaquim olhava com grande piedade para o bixo, applaudia a lucta que elle sustentava pelo liberdade, a revolta que o enfurecia, e sentia em si uma ponta de remorso por ter atraído a rez aproveitando-se da suspensão dos sentidos della para

manietal-a. Já o companheiro não pensava assim. Pelo rosto d'elle via-se o gozo que lhe ia pela alma quando o boi em suas loucas investidas marrava as asvares ou as pedras.

Queiroz contravindo com os sofrimentos da rez propoz a Belmonte saltar e levá-la em liberdade.

O matuto oppoz-se dizendo-lhe que padecia ella, porém menos do que soffreu elle quando semanas e semanas campeou de catinga dentro, arranhado e com fome. E quando a encontrava, ella corria, mas em companhia do diabo. Não concordou na seltura e só não rejeitou o boi quando Joaquim mandou por haver perdido a face na carreira; mas esperava que elle cansasse de todo para por-lhe *surrupeia* e então levá-lo ao curral.

A luta da rez não podia ser interminada, como também a força de seus musculos; e então como vivente que era.

Agora offegante, com a lingua pendida um palmo fora da bocca, mal podia ar quejar tanta era a fadiga que a esmorecia inteira.

Belmonte se achegou a ella, poz-lhe a mão no lombo; e nem os nervos tiveram uma descarga, um arrepio ao contacto da mão do vaqueiro, tal era o cansasso d'aquelle corpo.

Queiroz compadecido olhava o «Estrella», emquanto o companheiro preparava a comprida peia de um relho grosso e forte. Ligadas as extremidades da fita de couro por um nó fixo, Belmonte deu ao relho a forma de um oito, mettendo em uma das cabeças uma das pernas do boi até acima da curva e na outra a mão do lado correspondente acima do Joelho. Feito isso passou uma cilha que abarcou a barriga do animal por baixo da *surrupeia* e fechou-se depois em um nó no meio do espinhaço. Aquella preceição era para impedir que a peia descesse aos maxinhos e sahisse com o andar do boi.

O «Estrella» continuava enfiado mas não se mexia. Os olhos pretos faiscavam numa esclerotica de sangue.

—Vou humanisar este bruto, disse Queiroz a Belmonte.

—A ferrão?

—A musica.

—Tem V lembranças?... E onde está a viola?

—Ca dentro do peito, disse Queiroz batendo em seu largo thorax.

—Tire as cordas é a mascara do boi e cante V que nem sereia e ve-

rá se elle derembesta para catinga ou se vai caminho do curral!

—Estava capaz de saltar-o para depois prendel-o com a minha toada.

—E' bom não experimentar, embora batido elle fará uma letra, pois não duvido que elle tenha pauta com o diabo.

—E cre V nessas bruxarias?

—E quem ainda duvida que haja *consu-fita*, Joaquim?!

—Eu, e tanto duvido que dou licença que me botem feitiço.

—Parece que V não ouviu contar o caso que succedeu o anno passado com o José da Picada na farrinhada do João Moco.

—Aquella mentira?!

—Mentira o que, Joaquim, um caso succedido, que eu não vi mas que muita gente viu e foi notorio em toda esta ribeira. A Chica Piaha, uma velha de respeito, apanhou do chão os mocotós do cachorro, que o empalemano começou a noite quando corria o fado e lançou insetrinhos nos pés della e a vista de todos.

—Então o José da Picada virou lobishomem e comeu um cachorro e lançou depois os mocotós do bicho?!

—Como sem duvida!...

—E' V muito creança ainda, Belmonte!...

—Mas se creio no que está provado.

—Provado o que rapaz!...

—Provado sim, pois foi conhecido pelos mocotós o cachorro, que era do Francisco Ribeiro, e nunca mais appareceu dito cachorro.

—Belmonte, conversa comprida faz quem quer, o dia está se acabando e a casa é longe. Desata o boi, que já descansou, para dar conta da viagem que eu vou embebedal-o de musica, mas da uma musica que o fará chorar se elle tiver alma e lagrimas nos olhos.

E Queiroz pondo-se na frente do boi delilhou nas cordas de seu larringe a toada melancholica dos boia-deiros.

Um crepusculo cor de papoila, antes da luz viva do sol ter ondulado em suas petalas aveludadas, encheu o espaço e depois veio cahindo sobre a terra e a envolvendo em seu manto subtil e vaporoso. Grande era a melancholia desses instantes nesse pedaço de floresta virgem! As aves se calaram e se recolheram nos poisos na ramaria dos arvoredos. A claridade cada vez desmuniava mais e os contornos das

montanhas ao longe e o perfil da matta proxima iam se pouco e pouco diluindo n'aquella penumbra, que mais tarde seria treva, seria noite.

Grave é o silencio nos ermos, e grande esta terra até nos seus momentos de tristeza! Apenas cantavam os regatos e ouvia-se a toada nostalgica de Queiroz.

Muzica não ha que melhor exprima a saudade em todas as suas phases do que as notas que o matuto tirava do rude peito, mas de uma harmonia tão doce, que alma se deixava enervar pelo mysterioso fuido, que gerava a melancholica melodia.

O «Estrella» humanisado marchava no compasso medido pela *surrupeia* de ampanhando Queiroz!

A fadiga e depois a muzica saudosa da toada moderaram nelle de todo a colera e o boi deixava a sua alma de bruto se embeber toda naquelles saudosos accordes.

Belmonte acompanhava a rez e chorava. Aquelles tristes sons ondulado no espaço vestido de sombras avivaram-lhe no espirito uma funda saudade de seu contrariado amor.

As lagrimas empanavam-lhe os olhos banhando uma imagem de mulher que se lhe desenhava nas retinas.

E assim foram até a fazenda.

ROMULO TIBORALTO.

Paisagem

Tarde invernos, que morre aos poucos, cheia de tristeza, de uma tristeza vaga e profunda que nos impressiona, que nos desperta n'alma recordações de tempos que se foram...

Quebram o silencio a voz enrouquecida e longinqua do trovão que rebôa pelo infinito a fóra, e o tic-tic monot no da chuva que cae, n'uma fina do céu carrancudo, coberto de pesadas nuvens, esbranquiçadas umas, outras escuras, côr de chumbo, que deslizam vagarosas, arrastadas, de leve, pelo vento que sopra.

Deserta e humedecida a vasta estrada arenosa, que se desdobra á vista, prolongando-se além, n'uma extensão indefinida, tendo aos lados grandes arvores virentes, de cuja folhagem a agua gotteja em grossos pingos espaçados.

E—a luz do dia, que foge, se extingue lentamente, indecisa n'um bruxolear tenue...

Ceará—1896.

SERENO DE CASTRO.

DUVIDA

A Arthur Azevedo

Ao mesmo tempo que te ver desejo
Não desejo te ver um só instante!
E essa profunda duvida constante
Me torturando o pensamento vejo!

E' que se vir-te mais, eu soluçante
Posso tombar pelo sabor dum beijo.
E se não vir-te não mais tenho ensejo
De soluçar-te aos pés, agonisante!

Si nunca mais verei os meus olhares.
Com teus olhares meigos se entreendo,
Penso não sentirei tantos pesares!

Talvez não creias no que vou diser-te!
Quero te ver, mas vejo que te vendo
Não posso mais deixar de sempre ver-te!

LAFAYETTE SILVA.

Bibliographia

Giovannina, por Affonso Celso—
Domingos de Magalhães.—Rio de
Janeiro, 1896.—Livro singular es-
te, a que o autor chama em uma
sub-pigraphie—*romance dialogado*.

Em uma nota final affirma porem,
não poder definir o livro, que tem
muita cousa de drama e que o se-
ria de todo com um pequeno tra-
balho de adaptação á scena.

Tal como está pode ser um *ro-
mance dialogado*, mas romance de
moldes novíssimos, em que o autor
enseie uma investida para os cam-
pos symbolistas, como aliás é sua
intenção, confessada na referida
nota.

Como não conhecemos os proces-
sos symbolistas do romance, acha-
mos que *Giovannina* é mais que tu-
do um drama, salvo a ausencia de
pequenos detalhes de valor pura-
mente technico. O estilo guindado
e emphatico dos dialogos; o nome
dos personagens collocado isolada-
mente no alto de cada um delles; a
descrição prévia e separada da
paisagem—tudo dá á obra uma pro-
nunciada feição de peça theatral.

Quanto ao fundo, explora o au-
tor, cremos que o primeiro, um epi-
sodio da vida dos immigrants es-
trangeiros que buscamos nosso paiz,
episodio cujas peripecias dão ense-
jo a que revele o autor boa somma
de conhecimentos da nossa vida po-
pular.

O livro é de leitura attrahente
pela elegancia do estylo e pela no-
vidade do assumpto, tanto assim
que não tivemos animo de largal-o
antes de virar-lhe a ultima pagina.
Mas, francamente:—preferiramos
que Affonso Celso houvesse dado a
sua interessante obra a forma de-
finida do drama ou do romance.

Isso de *ensaio symbolista* não ex-
plica cousa nenhuma para quem,
como nós, não acredita que o sym-
bolismo seja outra cousa mais que
um incidente morbido da mentali-
dade deste fim de século.

Bem sabemos que o Naturalis-
mo é uma escola que passou, (em-
bora continue a dar fructos posthu-
mos como o *Bom creoulo* de Adol-
pho Caminha); mas elevar o sym-
bolismo á altura de seu substituto é
querer substituir um gigante por
um pigmeu... aleijado.

Está ainda por se crear a escola
que ha de substituir o Naturalismo
e talvez que nem se creê, porque a
Arte, perfeitamente emancipada, ve-
nha a ser feita de hoje em diante á
imagem e semelhança de cada tem-
peramento e de acordo com as in-
fluencias do meio em que se pro-
duzir.

A' parte este reparo, confessamos
que lemos *Giovannina* com maximo
prazer, e que muita phrase formo-
sa, principalmente as da parte des-
criptiva, nos ficou a bailar na me-
moria e a scintillar como uma joia
ideal finamente lapidada.

M.

Imprensa litteraria

Recebemos:

Tribuna Litteraria—E' uma nova
revista de sciencias e Lettras que
no Recife se publica com a auspi-
ciosa collaboração de nosso presado
consocio Carlos Porto Carreiro e uma
pleiade distinctissima de escriptores
e poetas. E' nos desnecessario enca-
recer o valor da rica *Revista* que só
por si seria sufficiente para levantar
o nivel intellectual e moral de uma
terra já tão bellamente dotada. Pa-
lestras historicas, Professorado es-
tadual. As reformas do ensino, Os
Pequenos quadros de historia patria,
(fragmentos de um precioso livro
em preparação,) estudos sobre a
lingua vernacula, etc. são inestima-
veis preciosidades que contintuem o
escrinio da *Tribuna Litteraria*.

Parabens a Pernambuco. Não re-
cebemos o 1.º n.º e encarecidamente
o reclamamos.

Paulicéa—N.º 29 e 30 com os
retratos da conhecida poetiza bra-
zileira Zalina Rolim e do jornalista
M. Lisboa (o collega nada nos diz
sobre os seus retratados) uma pa-
gina em homenagem a Carlos Gomes
e diversas outras paginas de critica
ao governo, bem como os retra-
tos dos directores do Club Im-

prensa: Silveira Lobo, Luiz Silveira
e Arthur Suarânã. O texto es-
colhido e variado.

Bohemia—*bohemia* e caricata fo-
lha de *bohémios* e trabalhadores
moços de S. Paulo.

Honra a sua primeira pagina o
retrato do *conteur* Armando Erse,
autor dos *Contos de minha terra*.

Um *viva!* lhes enviam os de cá!

A Arte—Revista artistica de Por-
tugal (Porto) boas gravuras, estu-
dos de artistas portuguezes, e o tex-
to, embora que com pronunciado
sabor symbolista, muito revela a
força de vontade e o justo esforço
dos dignos moços.

Agradecemos

O Cenaculo—Outra symbolista
revista do Paraná (Coritiba) que
assiduamente nos ha visitado pelo
que lhe somos sinceramente gratos.

Galeria Cearense—Devido aos in-
canveis esforços do Dr. Antonio Au-
gusto de Vasconcellos intelligente
professor e jornalista, recebemos
mais uma visita da folha mensal que
como sempre vem cheia e variada
de uteis e agradaveis estudos. Pres-
ta ella homenagem á memoria do
nosso erudito e mallogrado patricio
Rocha Lima.

Penhorados.

Carteira

Para a cidade do Icó, onde foi consor-
ciar-se com a gentil e talentosa poetisa
Exma. Sra. D. Anna Nogueira, seguiu no
dia 12 do corrente o nosso presado com-
panheiro Sabino Baptista.

Brevemente estará de regresso o poeta
das *Vagas*, que vai realizar o seu ideal
de moço com tão auspicioso enlace.

Antonio de Laffayette

A' rua das Flores, na modesta casa em
que vivia, morreu na noite de 20 do cor-
rente Antonio de Laffayette, na idade de
46 annos.

Laffayette era o typo mais caracteris-
ticamente completo do bohemio cearense.
dessa bohemia das *areias* e dos peque-
ninos periodicos satyricos feitos para o
grosso publico, que idolatrava Laffayette
porque elle sabia vibrar-lhe a corda da
alegria e do amor.

Paulo de Kock em miniatura, sua obra
é feita no *Meirinho*, *Charuto* e em todos
os outros jornaesinhos que appareciam e
desappareciam conforme os acontecimen-
tos que os traziam á publicidade.

Ultimamente o *Figarino* foi seu derrai-
ro jornal, escripto e composto por suas
descarnadas mãos de bohemio estragado
e pobre.

Que grande perda para as raparigas
das *areias* e os rapazes das officinas e
fabricas foi essa lastimavel morte do nos-
so apreciado patricio!

Descanço ao poeta e pesames á familia!

O sr. M. B. de Mello communicou-nos
que abriu uma photographia á rua Flo-
riano Peixoto.

Agradecemos pela gentileza.

O PÃO

Da Padaria Espiritual

Gerente
José Carvalho

Director
Antonia Salles

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Fortaleza, 31 de Outubro de 1896.

NUM. 36

EXPEDIENTE "O Pão"

Revista de Litteratura e Arte.
Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno
Por um semestre
Numero avulso

10\$000
5\$000
5\$000

São se acceptam pedidos de assignaturas para fóra desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente: rua do Major Facundo n. 4.

SUMMARY: — Os Quinze dias. Alcino Bandalim: — *Mlle. ...*, J. C.: — *Esboços*. M.: — *Da joelhos*. Avellar Filho: — *O retrato*. Cabral de Alencar: — *A*. Antonio Salles: — *Bibliographia*. M. J.: — *Vista azada*. Anna Nogueira Baptista: — *Archivo*. *Canção popular*. *Carteira*.

OS QUINZE DIAS

Fui concitado pelo homem que muito bem dirige os negocios desta redacção a escrever a chronica deste numero. E quando se diz concitado aquilem caso esse termo tem o mesmo valor do ordinário... *marche* de quem tem uma pares de galões em cada braço para ser obedecido incontinenti.

E puz-me a pensar que escreveria com melhor disposição que não possuo e não poseurei nunca em má hora o digo. — si era logar de fazel-o nesta banca feita de um cairão de pinho e agarrada a parede por enormes pregos, fosse em uma secretaria-ministro. — papel bom, penna boa (esta com que escrevo parece que só tem uma banda ou coisa que o valha) tinta Sardinha em tinteiro rico, e, em frente, livros com encadernação luxuosa, dorso vermelhão e azules.

Para burlar uma boa prosa, nada é tão bom como ver-se livros bons e bem encadernados. Vê-se o dorso de *Mlle. Bodary* inspirar-nos logo uma vontade de fazer prosa com forma de ser meticoloso, ele-

gante, finissimo, superior: vê-se o dorso de um livro de Renan e esse superno espirito de França força a se construir períodos com estylo e o senso melhor possível, deadohrando pelas linhas do papel coisas ditas com alma, verdade e originalidade na critica e nos factos.

E si se nos depara um livro de Bourget iria a lembrança do escriptor de uma chronica a idéa de principal-a de luvas de pellica, de casaca e peito frocado, alvissimo, como se fosse levando uma mulher bonita pelo braço a um baile da alta elegancia. Devera ser de muito bom effeito. Os periodos seriam feitos com fina arte aristocratica e o assumpto viria tambem de sitios aristocraticos.

Por exemplo, cahiria do bico da penna de ouro em caneta de oiro e marfim a visita dos Czares de todas as Russias, essa visita que tanto tem preo "cupido" o espirito do bom povo da Europa. Uma noticia que li da o caso que 40 mil pessoas vagam pelas ruas da capital franceza como bons hohemios de Murger. E é certo aliás que muitos desse elevado numero devagabundos por causa das queridas magestades, muitos devem ser da qualidade de gente que usa pellica na mão e dinheiro na carteira.

Mas nem por isto hão de se apertar. Não prohibirá a policia a que muitos durmam nos bancos dos fresquissimos jardins de Luxemburgo. Eu não tenho dormido tanto ao léu e não tenho casa de meus paes, que fazem questão para eu não dormir na rua e até passam de fazer questão a ameaças de cargas de caceté? Assim os que de longinquas terras em comboios, a pé, e por mar, fizeram viagem para ver: se o fizem boa physionomia, si é bonito ou feio, magro ou gordo e si com effeito é muito amiguinho da *Franchillonette*.

Ah! si eu fosse um homem que tivesse um luxuoso gabinete, então teria avultado numero de revistas, de jornaes francezes, e em primeira mão, teria as opiniões e as caricaturas dos potentados da Russia. Não sendo assim, tenho que esperar pelas noticias que a nossa imprensa achar que são boas de transcrever.

Porque as que ella julgar subversivas continuavão no mesmo logar e não sofrerão o corte certo de uma thesoura habituada às innocentes noticias de sensação, as noticias de donzellas mortas pelo demonio do ciúme, envenenadas, afogadas, raptadas etc.

Mas cheirando a rebellião dormirão o seu somno bem descansado.

E faz muito bem quem assim faz

A's vezes esses pruridos de desordem, são coisas de quem tem o espirito desequilibrado, o estomago vazio e vastas também as algibeiras...

Faz muito bem, faz muito bem.

O jornal foi feito para as noticias moderadas, para trazer a gente da terra em dia como o que se passa pelo mundo em fóra, mas tudo moderado inclusive tambem casos apaixonados de donzellas degeneradas.

Foi feito o jornal para noticiar o apparecimento de livros importantes, sérios, de valor intrinseco como os que sahem da penna adamantina de Oscar Leal.

Si eu fosse rico, teria ao meu serviço particular um reporter secreto, que entrasse despercebidamente por toda a parte, fizesse falar os manda-chuvas, sondasse as multidões, vascolegasse as almas e com a gazuza da insinuação abrisse a caixa de segredos das consciencias para informar sobre o Universo e o seu irrequeto conteúdo humano.

E seria boa uma vida assim, passada num gabinete com janellas amplas rindo para sitios bastos de arvores verdes, abrindo para um jardim de feilão inglez, cheio de perfumes capitosos e da alegria san das rosas cheias de vida e de lagrimas... de orvalho.

Com uma espatula dengosa de madreperola e oiro lavrado cortaria as folhas do livro do dia. E, languidamente, iria cortando as folhas dos *Prismas*, livro que dizem, contem coisas tratada: em bons versos. Isto disseram-me. Não tive a honra de ver um exemplar. Falha-me infelizmente mais este assumpto para com elle, fechar com chave de oiro estes mal afirmavados *Quinze dias* que em má hora fui concitado a escrever. Mas em outra não cairei mais, tenham certeza disso. Salvo, si um sorriso da Fortuna me atirasse às ventas com algumas centenas de contos para eu comprar um invejavel palacete e ter o meu gabinete cheio de cadeiras estofadas, soalho como espelho, cadeiras de emballo macias, e uma secretaria-ministro, com bom papel, com pennas de fino aço, canetas caras e umas estantes pejadas de livros immortaes e aqui e ali, pelas paredes, quadros sumptuosos de amores de tragedia.

Mas não! Si eu fosse rico teria lá escripto chronicas em logar de leit-as de Henry Lapauze, Charles Buet, de Olavo Bilac, de Ferreira de Araujo...

O que perdem os leitores em eu não ser rico!...

ALCINO BANDALIM.

M. He ***

Não ha mulher tão formosa.
Que tanta doçura encarne.
Que encorre tanto deleite:

O corpo é feito de carne.
O sangue feito de rosa.
E a branca pelle de leite!

De sua altiva belleza
Aí vel-a ufana, orgulhosa.
Eu pergunto á Natureza
Porque foi tão caprichosa?

Porque juntou graça tanta
A desdichosa senhante?
E deu um alma de santa
Ao corpo de uma bachante?

J. C.

Es

Esboços

(Em vista do original)

I

MACIADO DE ASSIS

Trigueiro, magro e já bastante grisalho. Gestos nervosos nas cortesias. Mais baixo do que alto. Dizia muita pejuete a denotar talvez uma gagueira infantil não completamente corrigida.

Pegaram-lhe as dragonas de Mestre, a despeito das tentativas que tem feito Sylvio Romero para arrancar-lhas.

Nós outros, os rapteiros, achamos que lhe vão muito bem.

Parece entretanto que ellas lhe pêsam, e os modos esquivos do Mestre como que têm por fim occultalas, o que não é possível depois que publicou *Quincas Borba* e *Braz Cubas*.

Demais, quem lhe manda escrever a lingua portugueza melhor do que toda a gente em nosso paiz?

Sylvio Romero não conseguirá perante a actual geração dar maior brilho aos seus meritos de critico em chefe, procurando marcar os de estylista e o chefe, que os demais criticos confundiram a Machado de Assis.

A opinião publica fez corno com esses criticos, e hoje o modesto e tenaz escriptor, que nunca se deixou pilhar nas malhas da popularidade barata, constitue uma figura à parte, a emergir com um forte e nobre relevo da ruinaría precoce e lamentavel das nossas lettras.

II

JOAQUIM NABUCO

Levado por um amigo bondoso, subi as escadas do seu escriptorio de advogado, na travessa do Ouvidor.

Elle levantou-se para receber-me, e eu me senti mequinho como uma

formiga diante daquelle gigante ri-sinho e vermelho, com um basto bigode já um tanto cinzento do pó dos annos.

Quando o gigante começou a falar, foi que eu entrei a comprehender o esplendor das suas victorias tribunicias.

Aquella garganta, dadas as modificações que lhe trazem o sexo e o uso, deve ser feita de estoffa igual a das gargantas da Patria, ou da Sarah.

A sua voz de uma sonoridade crystallina e suave, servida pela caixa acustica de um thorax amplo e sólido, tem uma deliciosa vibração de clarins véla los pela distancia.

E foi esse clarim que levou as hostes abolicionistas tantas vezes ao campo da lucta contra o escravagismo, cujas muralhas se desagregavam e caíam ao clangor das suas notas triumphantes.

—Um homem privilegiado este! dizia eu ao meu companheiro, quando chegámos á rua. Talento, saúde, eloquencia, distincção, belleza e ainda por cima a pella voz de ouro, aquella voz que seria por si só um dom inestimavel da Natureza!

—Cá'dalo! retrucou rindo o meu amigo. Não vá o teu republicanismo se deixar enfiçar pelos cantos harmoniosos dessa serena monarchista!

III

JOSÉ VELISSIMO

Magro, trigueiro, feio e possuindo uma voz fraca, engasgada, sem timbre e afim o que o povo chama uma voz — le taboca rachada.

Não mais affavel, simples e directo como uma setta.

E um talento vigoroso servido por uma actividade incomparavel. Como critico é incapaz de uma impropria leme em quantos se trata do seu melhor amigo.

Nativista, na boa accepção da palavra, ninguém mais lo que elle tem trabalhado para levantar a intellectualidade do nosso paiz.

Ha remojos resuscitou a *Revista Brasileira* e a vai mantendo dignamente, muito embora a custa de sacrificios que não se podem avaliar bem, mas que com certeza são bastantes para desanimar a quem não tiver muita coragem e muita abnegação.

O modesto escriptorio da *Revista* é hoje o praso-dado de um lúcido circulo de homens de lettras, que ali vão todas as tardes tomar a *cup of tea* enquanto discrediam sobre cousas da intelligencia.

IV

RODOLPHO BIRFARDELLI

Baix te, barba castanha e hielca, muito enrolada em uma das pontas em consequencia do astrô que tem de torcel-a nos seus momentos de exaltação artistica.

Tive a felicidade de vê-lo a trabalhar no seu atelier, um vasto e terrível pavilhão encruallado dentro de alta cerca de tabois e para o qual se entra por uma estreita porta onde uma chapla ostenta numa inscripção fôse o nome do nosso glorioso escultor. Encarapitado sobre um elevado cavalletto, vestindo um *do'tman* de brim branco, de escopro em punho, elle trabalhava na estatua equestre de Caxias.

Projectos, estudos, reduções de trabalhos presentes, passados e futuros se patentavam por toda a parte numa profusão assombrosa.

E o grande artista, no alto do seu cavalletto dava á ultima demão ao monumento de Caxias, como o qual ha de conquistar novos lauros que se tornarão mais brilhantes quanto mais babujal-o a má lingua do *Cosme de Moraes*.

V

AFFONSO CRISO

Não se pode conhecer physionomia mais attraente, instigante e sympathica.

Estatua molha na talle-fino mas forte, movimentos elegantes de mundano fipe cave!

Vive naquelle jardim suspenso que se chama Petropolis, num singelo e encantador castellet cercado dos carinhos de uma próle aforavel. Parece um homem feliz e si o não é com effeito é porque a felicidade humana teima em não se deixar completar nunca.

Tres vezes por semana desce elle do seu delicioso ninho á Capital Federal para os seus trabalhos de advogado. Vi-o pela primeira vez no seu escriptorio, á rua Principe de Mar, onde, por acaso, se achava nessa occasião a gentil e desventurada protagonista do *Minha filha*.

Nos seus momentos de folga, elle substitue a penna utilitaria de advogado pela de homem de lettras e compõe esses livros que com tanta ufania acirram caminho através da atonia intellectual do nossa publico, conquistando-lhe um logar de honra na litteratura patria.

VI

ARTHUR AZEVEDO

Sim senhores, é gordo, é impressionadoramente gordo; mas não o imaginem ali um tipo de tavernei-

ro ou de fradilhão. Olhem-no da gravata para cima e verão que sobre seus larguíssimos hombros assenta uma cabeça de artista, com uma face intelligente, distincta e tão sãnda que ninguém a julgaria pertencer a: mais engraçada e acintilante poeta humorista do Brasil.

Sem na sua physionomia nem na sua palestra se trahe o *Giarrache* cujas quadrinhas fazem o hilariante effeito de coxegas. O Arthur fala pouco, e quando de longe em longe solta uma piada bregeira, não acompanha os circumstantes na gargalhada, como, fazem certos sujeitos de quem se diz, que elles mesmos tocam e dançam.

A expressão superior da sua fronte é, um reflexo da sua alma eminentemente artistica: — as cunhas d'Arte o apaixonam, e o cultivo nunca emorecido dessas tendencias conquistou-lhe uma rara e profunda competencia, habilitando-o a falar da cadeira sobre assumptos artisticos de qualquer natureza.

Isto como critica: como produtor, o seu campo é o theatro com o qual tem despendido fabulosas sommas de talento. Si porventura não produziu no genero trabalhos que fiquem é porque o meio não lhe permittiu dar ás suas bellas aptidões melhor emprego.

VII

ALBERTO DE OLIVEIRA

Alto, forte e elegante, correctamente vestido, voz cheia e sonora, bôa para declamar os seus valentes e impecaveis alexandrinos.

Advinha-se um espirito são e nobre através da sua sã e nobre figura de linhas aristocraticas.

Como poeta, todos conhecem o magico joalheiro dos *Sonetos e Poemas* e dos *Versos e Rimas*, essas estrophes de uma inspiração ardente e larga e de uma forma inimitavelmente cuidada.

Quem escreve estas linhas tem a fortuna de conhecê-lo tambem através de uma obra inédita — o *Livro de Emma*. Num quarto do Hotel Mills, em Petropolis, tem o poeta a sua installação official de Director Geral da Instrução. Publica do Estado do Rio de Janeiro, comquanto a sua residência particular se ja em Niteroy, onde mora a sua familia.

Voltando de uma excursão pela encantadora cidade dos diplomatas, Alberto, cedendo ás minhas instancias, deu-me da primeira á ultima pagina o *Livro de Emma*, que me parecem, si isto é possivel, mais formoso que os outros livros seus. Nós

não haviamos recolhido tarde, e já entravamos pela madrugada quando terminou a leitura.

Guardo uma lembrança imperecivel dessa noite da com que renatei um dia para commigo verdadeiramente perdidario de impressões novas e felizes.

M.

DE JOELHOS

Ha quem censure, carinhosa amiga, Por odio, cunco, e ácia, simplesmente. Que eu a teus pés me prostre reverente E, quasi morto, ria e te bendiga.

Não tem faltado mesmo quem me diga: «E' um covarde! mata incontinenti O amor que assim te opprime! sé valente! Devia abandonar a quella rapariga.»

Alguns até avançam que é baixeza. Minha dizer, com a maior fraqueza, Que me ajoelho, submisso, ás tuas plantas.

Respondo a todos elles: Idiotas! Desde illembraveis epochas remotas — E' de joelhos que se adoram santas!

AVELLAR FILHO.

—

O retrato

Ao entrar no vestibulo d'essa velha casa, habitada pelos avós de Dionisio, aonde eu e elle riíamos vindo refugir-nos, fugidos dos rumores da vida febril e inquieta da cidade, senti um commoção extranha, assaltou-me como que um terror do Silencio e do Invisivel que me cercavam, de coisas antigas e de alegrias extinctas.

Solitaria e alta, desconhecida para mim, erguida n'uma planicie longa, entre sombras de grandes arvores, ella traçou-me uma impressão de solidão e de Mystério.

Subimos uma extensa escalaria de marmore e achámo-nos n'um vasto salão azul, severamente mobiliado.

Na sua ornamentação, na sua tapeçaria dormia um luxo já desvanecido.

Suspenso de uma das paredes estava, n'um esplendor de apparição, espiritalizado pela luz agonizada do crepusculo, o retrato de uma mulher maravilhosamente bella e muito moça ainda.

Uma attitudde serena e desdenhosa clareava a harmonia mística de seus Formas. Na sua fronte conservava uma altivez radiosa. Os cabellos negros e ondulosos, como que a rolarem, espraivavam-se-lhe indolentemente nos hombros.

Um sorriso triste e incomprehen-

sivel immobilisado nos labios espalhava no semblante uma impensável trabilidade inquietante de sphynge.

Os olhos magoados e contemplativos pareciam fixar visões longinquas, errando n'um luar muito pallido.

Fiquei a fitar-o deslumbrado, perdido no arrebuamento de um grande sonho.

—E' o retrato de minha irmã, morta ha seis annos, disse-me Dionisio.

As vibrações d'estas palavras passaram pelas minhas idéas n'uma revoadada afflictiva, deixando-me um abalo de catastrophe.

Irreflectidamente perguntei-lhe:

—De que m.ieu tão moça?

—Ah! é uma historia dolorosa a de sua morte.

Desde que a sua mocidade alvo-receu n'este lugar esquecido e ermo, um mal occulto se apoderou d'ella, transformando-a, assombrando a sua existencia lyrial, desfolhando sobre os seus dias uma pallidez de insomnias prolongadas, de anseios e de devaneios funestos.

Contemplava muito os horisontes: Inquietações vagas arfavam no seu olhar.

Installava-se em abstracções infinitas. Começou a perseguir-a uma tristeza de flor nocturna, de ave prisioneira, assistindo um impiedoso inverno sem poder emigrar.

A sua belleza adquiriu uma idealidade iptensa. Tinha uma expressão imaginosa das Virgens da Renascença, das virgens que ouviam encerradas nos castellos as noctambulas canções dos trovadores.

Sensibilisava-nos como um cantico ardente de amor vagando maviamente n'uma região de névoas.

Causava-me dor vel-a tão bella e tão triste...

Veio-lhe enfim uma febre cruel e ella asentou-se para sempre da vida.

Lembro-me terrivelmente de como tudo isso succedeu.

A imagem angustiosa dos acontecimentos que precederam a sua partida para o tumulo ainda existe visivel, distincta, immutavel no meio de minhas recordações.

Por uma tarde de Agosto entrei n'este salão.

Uma claridade vaporosa e dormente alagava a planicie, as arvores e as collinas distantes, dando-lhes uma decoração fulgida e gloriosa de Mysticismo e de saudade.

No brilho phantastico do ar ves-

getavam esquecimentos de ruídos e de azas, e se esparzia um odor moroso de calma sazoadada.

Evolava-se da luz um extasi de ouro como um desvanecimento magistoso de sons de órgãos que estivessem sendo tocados nas alturas.

Dir-se-hia uma tarde que se viesse a viajar somnambulizado por um Passado muito remoto.

Na folhagem e nos horizontes havia dolências de cor que me traziam reminiscências de lilazes e de cravos murchos, de idyllios e de noivados idos, de lamentações ouvidas em outros tempos entre clarões de cirios, de esperanças que não viam mais.

Ella executava no piano, uma sonata de Beethoven. Era uma sonata impregnada de harmonias preguiçosas e brumosas, de uma suavidade impressionante e nostálgica de cantos do cysnes ao anoitecer, de vãos de passaros no sol da Islandia.

Um não sei que de seu ser se dispersou nas notas d'esta musica, animando-as de uma emoção tão extraordinaria, que ellas fugiam, provocando-me esse fremito de pesar que os soluços das grandes despedidas, das separações irreparáveis occasionam.

Quando terminou aproximou-se de mim e disse-me que sentia muito frio. No entanto sua fronte estava abrasada.

Passei apprehensivo o resto dia.

Alta noite um rumor de passos acordou-me. Sali e encontrei Beatriz no jardim, vestida de branco, os cabellos soltos com uma cesta de flores na mão.

—Hoje vem meu noivo amado! ella exclamava delirando.

Levei-a para seu quarto.

O delirio continuou...

Não ponde ver a alegria do amanhecer. A morte fechou-lhe as palpebras antes da alvorada.

Para combater o tedio do isolamento ella envenenou-se de sonhos. Foram os sonhos florescendo sob essa atmosphera fria de ruína e de abandono que a mataram.

Dionisio calou-se e eu voltei a contemplar o retrato.

Através da obscuridade vi-o confusamente, sob a fugitiva apparencia dos Anjos biblicos, com vacillações de miragem, com o seu sorriso a desafiá-me nas sombras.

Uma aragem de vagos remorsos irripion-me, levantando fogos fatuos de chiméras, insufflando-me uma magoa pungente, a magoa de não poder possuir aquella mulher ad-

ravel que morren sem ter aquem offerter o seu Amor, esperando um noivo solitario de saber que os seus cabellos, os seus olhos, os seus labios, o seu coração, tudo quanto de bello aquella retrato revelava tinha desaparecido da terra.

É um sentimento mysterioso agitou-se dentro de mim, ameaçando o meu Destino com todas as agônias do Impossivel.

II

Durante os dias que succederam ao de minha chegada n'aquelle lugar de silencio e de recolhimento, a minha vida transformou-se n'um longo pesadello.

Estive sob a influencia de uma crise visionaria que me afugentava da observação das Cousas, diminuindo-me a noção da Realidade e do Tempo.

Opprimia-me a preocupação desesperada de me asilar na illusão de uma existencia de amor com uma mulher já morta.

Uma inconsciencia de mystico, de grande exultado, impellia-me para emoções imaginarias, para assomos de coleras torturantes.

Permanecia longas horas no sahio, olhando o retrato d'ella n'uma insistencia desvairada, exilado das impressões exteriores, immovel, ab-sorto como si quizesse aniquilar a minha sensibilidade, anksolar-me, com o pensamento encerrado n'um furioso esforço de allucinação que enganosamente me fizesse vela-surgir e descer para mim, murmurando phrases curiosas, com todas as tentações de sua Formosura e de sua carne, ante uma dissipação súbita da tóla e da moldura.

E acabava hypnotizado, invadido de uma somnolencia trahidora de que despertava procurando automaticamente agarrar, na confusão de quem acorda, seios e braços impalpaveis...

A força de fixá-lo, a impressão visual d'este retrato como que se plasticizou na minha imaginação, acompanhando-me porto da a parte.

Distingui-a sempre ao meu lado o vulto ideal de Beatriz, nas salas, nos passeios pelas alens, no aposento onde dormia.

Appareceu-me um desejo doudo torvo, brutal de conhecer luxuriosamente os rythm s voluptuosos d'aquellas formas deslumbradoras já devoradas pelos Vermes.

A certeza de sua irrealisação brania no meu ser como um tufão e n-vulstonando um d'sento clareando de

osadas, alastrando-me de um desespero sombrio e implacavel.

Enternecia-me diante dos objectos que lhe tinham pertencido, experimentava emoções exquisitas, cabia quasi n'um deliquio quando a beijal-os e a acaricial-os ardentesmento evocava o contacto da seus labios, de suas mãos sobre elles.

Da angustia de nunca sentir os seus affagos, ergueram-se necessidades de creença, aspirações de gosos sobrenaturaes, esperanças de que ella viesse do Paiz dos Mortos, visitarme, vestida no seu envolvero terrestre como uma grinalda de luz immortal, ornada de flores desconhecidas, mais alvas do que as dos laranjeas.

O ranger de um movei, o deslizar de um sapato, uma fita de luar, uma respiração na treva assustavam-me, emocionavam-me. Fallava incoherente. Estremecia ao som de vozes.

Parecia-me que tinha emigrado para um mundo ignorado, donde me vinham recordações vibrantes de physionomias, de fallas, de logares que outr'ora conheci.

Nem sei como não enlouqueci.

Depois de duas semanas, n'uma manhã rumorosa e estival, de faiscasções luxuosas como as de um immenso crystal, abandonei atterrado aquella casa.

Sob a folhagem cantos de passaros apothecavam a fecundação nos ninhos.

Sombras tapavam veludosamente a relva, abriam na claridade esparsa no chão, lagos de seismas e de melancolia.

As arvores ramalhavam, embalsadas sonoramente pelo vento.

As folhas cahidas erguiam-se, n'um murmuro de resas, errantes e perdidas, como raivas contra o verde, como rebanhos cinzentos da Morte, arrastando inconscientemente, sob o Azul insensivel e immovel, o inexoravel Destino dos que se finam na terra.

Atravez de deslumbramentos de sol, de gorgeios, de alegrias de estio, seguiu-me a lembrança d'essa Morta.

Nem a ausencia d'aquella casa, nem as longas viagens ar-ncararam esse estranho e mysterioso amor.

As tempestades, as coleras, os rugidos do oceano, as febres, as lutas, os ruídos, as commoções das cidades não me fizeram esquecer-o.

Por muito tempo ainda elle continuou a atormentar-me, oh, por muito tempo ainda!

A' LUA

Sei que imperas no céu neste momento calmo
Em que a cidade dorme,
Emquanto o vento entoa esse plangente psalmo
A que responde o mar com seu soluço enorme.

Um branco raio teu, trespassando a vidraça,
Desenha na parede o teu disco alvacentos...
Uma sombra fugaz por elle ás vezes passa
Como na fronte humana um triste pensamento.

Tens talvez um pesar... Mas deves estar linda
Porque teu raio ostenta uma alvura de prata:
Por esses varandins estão velando ainda
As Julietas a ouvir trovas de serenatas.

Insomnes e febris, os bardos amorosos
Evocando visões dos seus mortos amores,
Relembram do passado os ineffáveis gosos
E se afundam num cháos de cruciantes dores.

Muita alma virginal neste instante se agita
E se eleva a tremer, numá espiral fremente,
Das caçoulas de carne, onde fulge e crepita
Uma ignota paixão, devastadoramente...

A tua luz possui não sei que força estranha
Que faz em nós brotar um turbilhão de scismas...
Qualquer recordação novo-prestígio ganha
Encarada através dos teus mágicos prismas.

A casta e melindrosa ave do sentimento,
Occulta no flonxel dos nossos corações,
Desperta e entra a cantar quando no firmamento
Desdobras o esplendor dos teus niveos clarões.

Dizem que a tua luz de singular encanto
Não é mais que o fulgor do triste alampadario
Que o sol te acende, e verte um luminoso pranto
Sobre o funéreo alvor do teu longo sudario.

E's morta! Mas o sol, em seu fulgido plectro,
Qual Petrarca ou Camões, te eternisa a memoria;
E quando na amplidão assoma o teu espectro
Traz a fronte cingida em um nimbo de gloria.

Os sabios deixa pois que te conclamem morta!
Embora! O coração, aurdor á sciencia insana.
Bebe na tua luz um nectar que conforta
E edulcora o amargor da desventura humana.

Em penosa vigília ha pouco eu me estorcias,
A mente a transbordar de lobregos scismas...
Ah! quem pode impedir a procissão sombria
Das mortas illusões, dos intimos pesares?...

O meu cerebro em fogo era a arena talada
Pela torva legião dos vândalos da dor;
Minh'alma se abateu exanime, prostrada,
Vasia de esperança, algente de pavor.

Os enganos gentis que afestôam a vida,
— Guirlandas a enfeitar gargantas abysmaes—
Voaram para além na fuga espavorida
De aves ante o estridor dos rijos tempores.

E foi então que vi teu raio albente e puro
Brandamente a luzir nas trevas do aposento,
E senti-o descer ao meu abysmo escuro
Como um philtro vital a escorrer lento, lento...

Pouco a pouco avançava, e illuminava agora
Meigo rosto de alguém que repousa a meu lado,
De alguém em cujo labio—uma neega de aurora—
Floresce de um sorriso o lyrio immaculado.

Eu esquecera, sim, nesse instante de morte
Que ao pé de mim palpita um coração amigo
Onde os affectos meus de romeiro sem norte
Encontraram um dia um carinhoso abrigo.

Tu me vieste lembrar que para mim existe
No seio deste alguém um Jordão de carinhos
Em que possa afogar um pensamento triste.
— Uma tenda de amor mais tepida que os ninhos.

Derrama ondas de luz, oh Lua, no seu rosto,
Que, em vendo-a, se desfaz a magua que me agita!
Bem dita sejas tu que varres meu desgosto
Mostrando-me a sorrir esta face bem dita!

ANTONIO SALLES

1896.

Bibliographia

Prismas Rodrigues de Carvalho
Typ. Universal—Fortaleza, 1896.
As seis obras que já conta a sua
bibliotheca acaba o Centro Littera-
rio de addicionar os *Prismas*, vo-
lume de versos do Sr. Rodrigues
de Carvalho.

Lemos cuidadosamente os *Pris-
mas* e sem espaço para largos com-
mentarios, passamos a analysal-os
registrando os reparos favoraveis
ou nao que elles nos suggeriram.
Conta o livro 130 pags. e se di-
vide em tres partes.—*Blocos, Rui-
nas e Salgueiros*, sendo a melhor a
segunda e a ultima a mais fraca.

Examinámos primeiramente a
fôrma do livro e achámos-a bastan-
te defeituosa alguns versos erra-

dos e muitos frouxos ou de rythmo
imperfeito.

Entre os errados apontaremos
estes:

- O que seria afinal si não lizesse
- Conheci um velho mendigo
- Vacila e cai. Um nome creio
- Sai o cortejo final dos pyrilampos
- Pela atracção dos rythmos da carne
- Sob o recurvo crystal de uma redoma
- Arqueia-se a treva de um subterraneo
- Do céu e o mar. Cirios boiando
- Que nos transporta ao edenico Calvario
- Cada flor rebenta de um escombros
- Elle soffria... que um gelido rocio
- Agora, enxada fatal do cemiterio
- Verás si já vistes dor tamanha
- Sera a fama divina do meu canto

Os versos frouxos ou duros são
abundante devido á falta de elisões
e a frequentes allitterações que tor-
nam o rythmo aspero ao ouvido.

Como exemplo dos primeiros po-
deríamos citar muitos nestes gostos:

E este cego de amor

- Vê-se o aspidé lethal que se estiola
- E a neve é que gera o branco arminho
- E ella sem o pousa de granito
- E ante a magua que me ser devora
- De um mar que resume insana lida
- E alem arabescos de Corinto
- E enquanto ella vai chorando as penas
- E eu perdido aqui pelos caminhos
- E o meu como as fezes de uma chaga

Exemplos de versos duros:

- Gottejando constellações do inferno
- Aninha como aninha uma rapina
- Dir-se-ia por Charonte tripulado
- Naufraga, sossobrar teus cabellos
- Pela strichinina agreste e doce dos per-
fumes

Por estas amostras vê-se bem
que o poeta nao é forte em metri-

ficação, e quanto a outros requisitos da forma, notámos-lhe pobreza de rimas, cousa patente sobretudo nos seus sonetos, onde quasi nunca têm os quartetos rimas similares, e pobreza do vocabulario, o que dá lugar á repetição enfadonha de palavras—como *pyrilampo precito, nimbo, goivo*, etc.

Grammaticalmente, temos que fazer os seguintes reparos:

A' preposição *em* dá elle um emprego muitas vezes incorrecto visto estar regendo palavras com as quaes não se combina bem, como nos seguintes casos:

- «Veste a rocha a nudez *em* tunica de limos»
- «Azula-se *em* crystal»
- «... aberta e tinta *em* vinho»
- «Inda *em* remorso alheia-se o Vesuvio»
- «Ouvi aquella prece envolta *em* caratua»
- «... ensaiar *em* ave os pyrilampos»

Lemure é empregado como extruxulo, quando é grave.

Entanto é empregado frequentemente sem sentido adversativo.

Antenas (em vez de *antennas*) tem na poesia *Borboleta do Oriente* a significação de azas!

Seixar é um verbo de invenção do autor, pois os lexicographos portuguezes não o conhecem.

Não são poucos os cochillos syntaxicos orthographicos, exemplo:—*apassentar*, por *apacentar*, *ristes* por *viste*, *colatizar* por *volatilizar*, *cahos* em vez de *chãos*, *anystia* em vez de *aministia*, *nimbus* em vez de *nimbos*, *torceiras* em vez de *toqueiras*, *duis* em vez de *dás*, etc.

Encontrámos consoantes dobradas erradamente, como em *rerellar*, *affundar* *desaffogo*, *ecchoar*, *galteões*, *galleotus* etc.

Passando agora a examinar os *Prismas* quanto ao fundo, aprecie-mos as concepções do poeta, suas comparações, suas imagens e intenções philosophicas.

Entrando neste terreno, notámos logo aqui e acolá lamentavel falta de clareza nas expressões, imperfeição das imagens, e nebulosidade imperscrutavel de conceitos, assim como uma falta de conexão entre as partes da mesma estrophe e a de sequência entre as estrophes da mesma poesia.

A poesia *Dedicatoria*, a segunda do livro, começa por esta estrophe péca, mal amanhada e contendo uma imagem má:

«A aridez do deserto, o claro céu de Outubro
Aninha sempre azul, sem manchas de ar-
[tubro] rebol.
E o cáldo areial incendiado e rubro,
Vibra como um crystal pulverizado ao sol»

Vejam esse claro céu de Outubro aninhando sempre azul, quando o azul é que constitue o céu; vejamos autes disso aquella aridez do deserto sem ligação com a phrase nem relação com o verbo seguintes, e por fim a affirmação de que o areial incendiado e rubro, vibra como um crystal pulverizado ao sol, cousa que sóa bem ao ouvido mas que não se entende.

Na estrophe seguinte vem a imagem extravagante em que o sol apparece cercando a *hydrophia* indomita da luz!

A terceira é de todo incoherente:

«O lago, que, fingindo espelhos de Veneza,
A paz vai dogtrinando ás fúrias do oceano.
Sedento, nos *rerella* a negra profundidade
Que tem, sem illusões, o coração humano»

Ora, temos aqui um lago que, em vez de fingir de apostolo para doutrinar a paz ás fúrias do oceano, finge espelhos do Veneza; que apesar de ter agua é sedento, e que, tal como é, *rerella* (com dois l) a negra profundidade etc.

A estrophe de um logogripho, cujos membros são por sua natureza extranhos uns aos outros, tem ás vezes mais concatenação de sentido do que esta do Sr. Rodrigues de Carvalho!

Sentimos não poder transcrever toda esta poesia para mostrar a heterogeneidade dos seus conceitos, a falta de affinidade entre as premissas e conclusões, o amalgamado de sua estrutura psychologica.

Na poesia *Dolores* ha o verso—Depois... (si o Azul não se aclarasse em *rel-as*—, onde não se sabe o que é que o Azul poderia *rer*.

—Anjo Murto:

«Parecia uma andorinha
No céu de um atarde»

Que vem a ser—*cerão de um atarde* ?!

—Morte de Cleopatra:

«Como um sonho ideal de nebulosa
Pelo ether luminoso do Serento,
Bebe a rainha o ultimo momento
Da vida numa taca vaporosa»

E' caliginosa a comparação desse sonho ideal de nebulosa com Cleopatra, que beben (!) seu ultimo momento fazendo-se morder por uma serpe, e não numa taca caporosa.

Na poesia *O branco*:

«Excesso de etiqueta ou de lisonja.
Diz o cordeiro branco da candura:
—Venhão banhar a maculada alvura
No gelo em flor de um coração de monja»

Não pode existir, sem ser por força de rima, *excesso de etiqueta ou de lisonja* nesse cordeiro branco da candura(?) que (falando burguezmente na 3.ª pess. do sing.) chama de *maculada* a alvura alheia e por isto convida a banhal-a no gelo em flor etc.

—O Azul:

«Acho (libando todo o mel da infancia)
O azul mais puro esse azular da serru»

Mesmo que cheguemos a libar todo o fel da velhice, nunca chegaremos a comprehender está segundo verso.

—O Rubro:

«Do sol que tomba chacinando o céu»

Chacinar o céu é o que se pode chamar—uma xarreada... celeste.

—O Roxo:

«A penumbra de luto cor de rosa...»

—Ao paiz do sonho:

«Chega por fim aos círculos palmares»

Luto cor de rosa e palmeiras azues... Em que extranho paiz se darão estas aberrações do colorido? Ou estará o poeta soffrendo de daltonismo?

—Em devaneio:

«E reso, em scismas, num collar de son-
[nhos]»

As exigencias metricas fazem o poeta resar num collar, quando toda a gente que resa o faz num rosario.

—Na alcova:

«Uma luva suspira a mão perversa»

Mau gosto do desta luva!

—No craneo de Maupassant:

«Enrosca-se na chamma uma serpente
Que se extingue em canto de sereia».

Extranha serpente, que se enrosca na chamma e em vez de se extinguir chiando como carne assada se extingue em canto de sereia!

—Loura:

Começa por esta estrophe de um gosto equivoco:

«Mulheres de toda a casta
Nascião raquelle dia,
E o oleiro que as fazia
Tinha a argilla quasi gasta»

Era o caso de ir o homem tomar a benção á madrinha...

—Borboleta do Oriente:

«No calix de ouro um chrysanthemo al-
[canca]»

A borboleta é que alcança o calix de ouro, mas, tal como está dito, parece que o calix pertence a ella e não ao *chrysanthemo*.

Na mesma poesia ha uma *pirâmide* de cortina, que deve ser terrível!

—Incendio no mar:

«De vaporoso marmore de Paros»

Vaporoso um corpo de tão proverbial solidez ?!

—Dia de nuados:

«Pela campã feral de minha amante.
Fui hontem, como um crente»...

Dizer que foi *pela campã* dá lugar a que se pense que andava por cima ou por dentro da dita campã, não acham ?

—Troncos:

«Quem fundir o chumbo todo
Do grilhão desta existencia
Vera num charco de todo
Da vida a melhor essencia.»

Francamente, não entendemos como é que se fundindo a *chumbo* todo do grilhão desta existencia, se veja da vida a melhor essencia num charco... de chumbo derretido!

—O rio:

«Arrastando um espinho, ora um flor»

Nestas alternações se repete sempre a conjunção:—ora isto, ora aquillo. Si o verso ficasse grande, o poeta substituisse *arrastando* por uma palavra menor, podendo dizer, por exempl. —levando ora um espinho, ora uma flor.

—Christo:

«No drama doloroso do Calvario
Existe o cunhado um contraste scripto.
Morto Jesus nas dobras de um sudario
E a ter por manto sen todo o infinito.»

Qual é o contraste? Que significa o ultimo verso—*E a ter por manto sen, etc?*

—A Rosa:

E' uma coberta de retalhos de todas as cores e feitios. Della destacamos esta sybillina estrophe:

«Até a aurora—a rosa que deslumbra
Quando das gazes do levante assoma
Faz dos nimbo sendal de negra coma
E se esconde da flor que mel resumbra.»

Nem o começo nem o fim do soneto dão a entender porque e para que faz a aurora as cousas consignadas nos dous ultimos versos.

—Existencia em fora:

E' este a peça mais confusa de todo o livro; que o leitor que a consulte tenha a felicidade de interpretar-

lhe o sentido, são os nossos votos. Apenas destacamos della o verso—*Engasta o sol a placã de Dezembro*—como amostra. Quem suspeitaria que *Dezembro* possue uma *placã* que o *sol engasta*?... *Strange!*

—As flores:

«As maguas terão fim
Libando todo o fel do calix fle uma rosa»

Pôr fim a maguas libando fel e fel tirado do calix de uma rosa—é uma penca de incoherencias.

—Tarde do Egypto:

«Como as orlas sangrentas de um sudario»

Lembramos ao poeta que os sudarios são caracteristicamente braucos, excepto quando envolvem pessoa morta de facada ou de hemorragia.

—O Misere de S. Pedro:

Termina por este terceto:

«Marselheza do céu, do céu viestes,
Na paz de um cherubim rufando as asas
Sobre as folhas doridas dos cyprestes»

Quem ou que é que rufia as asas? A marselheza que vem do céu na paz de um cherubim ou o proprio cherubim? E tudo isso junto que significa, si nos fazem favor?

Chegamos agora a terceira parte do livro—*Salgueiros*—como dissemos, a mais fraca apesar do tom de epopéa e de elegia que pretende assumir.

Não advinhamos os sentimentos que determinaram a sua elaboração e seria impertinencia interpellar a respeito della o poeta, o qual, em uma nota preventiva que a precede, diz:

«Não me perguntem o que pretendo, o que desartino, o que adianto, enfim, com a publicação deste esboço phantastico de idéas.

Dante me extasia... Goethe me allucina... Shakspeare me apavora... E a humanidade me extasia... me allucina... e me apavora.»

Desse extase, dessa allucinação e desse pavor, sahiram os *Salgueiros*—nova versão do *Baile das marmotas*. E a mesma historia de passar em revista os grandes mortos e fazel-os dizer cousas de que com certeza nunca cogitaram em vida.

Abre a sessão um *Cypreste*, que, com muita eloquencia e pouca grammatica, diz no meio de sua tirada: «Emfim, eu, cuja noite interminia das franças etc.»

Em seguida têm a palavra Homero, Camões, Gonzaga, Petrarca e Ilugo.

Gonçalves Dias, Dante, Milton e Byron não chegam a falar, mas apparecem ao fundo do scenario, numa nota final.

Deçamos a alguns detalhes:

Lê-se na poesia *Cypreste*:

«Como a doce crença ungida
De um tributo mortuario,
Brilhava em cada avenida
Uma conta de rosario.»

A scena passa-se num cemiterio, á noite, como o descreve a poesia, que assim começa: «Noite, sombra, pavor!...» Pois apesar de toda essa escuridão o poeta vê *brilhar em cada avenida uma conta de rosario*! Já é ter vista, caramba!

—A roz do cypreste:

«Pragas, blasphemias (que saudades le-
[das]!)»

O tal cypreste, contando a vida do homem, attribue-lhe o pessimo gosto de ter na morte *saudades le-
das* das pragas e blasphemias que proferiu! Oh!

—1.ª Sombra:

«Tem na fronte, de luz, cheia sacola»

Comparar a fronte de Homero (pois é elle a 1.ª sombra) com uma sacola—mesmo cheia de luz—nos parece irreverencia.

Si Homero podesse responder, talvez dissesse que a cabeça do Sr. R. de Carvalho é um urú cheio de... batatas.

—Ira celeste:

«... parias de luz dos céus escampos
Que vivem de tirar de longe o alysmo
E de ensaiar em arte os pyrilampos»

Com certeza não se joga nas alturas, do contrario *esses parias de luz* não se occupariam em *ensaiar em arte os pyrilampos*, mesmo porque cá embaixo, á excepção do autor dos *Prismas* ninguém sabe o que seja semelhante officio.

—Naufragio:

Numa nota explicativa em prosa diz o poeta haver—*destroços sobre a gula branca das ondas*! Bem se vê que andam aqui velleidades nephelibatas...

—Are Maria:

Nesta composição, aliás delicada e bem feita, ha esta quadra:

«Aos bogaris
—Toda cume—
A abelha diz:
—Guardem perfume.»

Esta abell tem o ar de um burquez que sahe de casa e diz aos crendos—guardem jantar!

—4.* Sombra:

Há em uma nota explicativa uma *saphira etherisante*, também cheirando a nephelebatismo, e umas sombras lunares arvoradas em eterno *dilemma* dos telescópios, que dão que pensar... Parece que eterno problema é que deveria ser.

—Cancão de Petrarcha:

«Vai cahindo um branco vên
Nas cambrais do luar»

Que mistura de fizes-las! Parece uma loja de modas.

M. J.

(Continúa)

VITA NUOVA

(No Album do Dr. Mello Rezende)

Eis-me longe da cidade,
Estou no campo, afinal!
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal

Ha muito já que eu queria
Fugir de lá, e a Natureza
Vir confiar a sombria
Tristesa que me tortura.

Trago a minh'alma doente,
Cheia de fel e tristesa,
A gemer dolentemente
Como geme uma ave presa.

Venho esquecer meus pesares.
As minhas profundas magoas:
—Espalhal-as neste ares.
—Dilui-as nestas aguas:

Venho atraz de medicina
Aos males do coração...
Talvez a luz matutina
Possa curar-me a aflicção.

Venho gosar das sadias
Emanações das manhãs.
Saturar-me destas saas
Campezinhas alegrias:

Venho procurar descanso
A' sombra dos arvoredos,
Surprender os segredos
Da brisa ao passar de manso;

Ouvir o doce lamento
Feito de queixas, de ais.
Que geme saudoso o vento
Nos verdes carnahubas;

Rever emlin os lugares
Onde linquei noutros annos:
—O coração sem pesares,
—A alma sem desganhos...

Vida nova! Eu quero agora
Fazer canções maviosas!
Ha de inspirar m'as a aurora.
Ou as estrellas radiosas.

Quero rimas diamantinas
Como os clarões da manhã,
Alegres e purpurinas
Como os bagos da roimã;

Quero estrophes scintillantes
Como do sol os fulgores,
Recendendo os penetrantes,
Acrea perfumes das flores;

Quero canções aljofradas
Como as telhas matinaes;
Sonoras como as balladas
Dos paizinhos joviaes...

Minha Musa! oh! doce amiga,
Tu, que conheces de perto
O descanço, a fadiga
De meu coração deserto;

Tu, que cantaste as doçuras
Dos roseos dias de amor,
E que soffreste as aguras
Da desventura e da dor!

Minha Musa! resuscita,
Revive com a Natureza!
—Vamos vencer a desdita.
—Vamos vencer a tristesa!

Lutemos contra esses dias
Cheios de amargas trações:
Acima das villanias
Conhamos os corações!

Tenhamos creanças por lanças:
Nas lutas sejamos nós
Alegres como as creanças.
E fortes como os heroes!

Lutemos té que resurja
Toda a luz da Mocidade:
A dor é como a coruja.
Não gosta de claridade.

ANNA NOGUEIRA BAPTISTA.
Santo Antonio, Março 1833.

Archive

O nosso bom amigo Hermino Bauroso teve a fineza de offerecer-nos um exemplar da these que apresentou á respectiva commissão examinadora como candidato á cadeira de allemão do Lyceu Cearense. É um trabalho desenvolvido, substancioso e bem traçado, revelando solidos conhecimentos da lingua allemã e de philologia em geral.

O Sr. Dr. Guilherme Studart reuniu em folheto, de que nos offereceu um exemplar, as apreciações feitas ao seu excelente trabalho—*Notas para a historia do Ceará*, precioso contingente que trouxe á nossa historia o illustre membro do Instituto, a quem já devemos no mesmo genero tantos e tão valiosos trabalhos.

Aos dous bondosos offertantes, os nossos cordiaes agradecimentos.

Cancioneiro popular

1
Eu vi teu rasto na areia
E puz-me a considerar:
Grande mimo tem teu corpo
Que teu rasto faz chorar!

2
Menina diga a seu pae
Que si quer ser meu amigo
Ou me pague o meu dinheiro
Ou case você conmigo!

3
Sexta-feira da Faixão
Comi um quarto de bode;
A Deus eu peço perdão:
Cada um faz o que pode.

5
Menina por teu respeito
Vivo dormando nos matos.
Todo coberto de cetro,
Todo cheio de fates.

6
Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus, oh! Vagam Pa!
Doce bom não *descontra*
Cabra bom não *descontra*:
Peguei na perna da *rio*
Pensando que era da *rio*...
Minha Senhora, desculpe,
Que era de noite, eu não via

7
Menina quando te fores
Me escreve lá do caminho:
Si não tiveres papel
Nas asas de um *passarinho*.
Da bocca faz o *lindeiro*,
Da lingua penna *apazada*.
Dos dentes *lutra mada*,
Dos olhos cartas *fechada*.

8
Vore diz que bala mata
Bala não mata ninguém.
A bala que mais me mata
São os olhos de meu bem.

9
Si eu fosse poire de rico
Não moraria no matto:
Morava mais a *Lorinda*.
Dentro das ruas do Crato.

10
Minha mãe me encommendou
Que eu não fosse a *fuara*.
Pois eu tenho a ventia chiata
Vou servir de mangação.

11
Vore me diz que sou negro
De cabeça de *rebelo*:
Si dou com a mão vejo a guarda,
Si dou com o pé vejo o *rião*!

Carteira

Gonçalves Crespo

Um precioso amigo e estimadissimo confrade nosso acaba de commetter á *Pátria* Espiritual uma tarefa invejavel, dessas cuja execução nos eleva aos olhos do publico e intimamente nos enche de gosto e orgulho.

Esse amigo, nosso prezadissimo correspondente em uma cidade da Europa possuidor da mais completa de todas as poesias de Gonçalves Crespo, esse grande e delicado artista do verso portuguez, tem a generosa lembrança de proporcionar a nossa associação a honra de editar varias produções não contidas nas *Nocturnas* ou nas *Miniaturas* em nossa parte descoñhecidas entre nós, por terem sido publicadas unicamente em folhas ou revistas portuguezas do tempo do bello poeta.

Eis-nos assim de posse deste punhad de finas reliquias artisticas, por cuja oferta beijamos as mãos ao nosso bom companheiro de além-mar.

Todos os nossos melhores esforços serão empregados no sentido de darmos tão honrosa missão um desempenho t altura da confiança de quem nos julga dignos de levalla a effecto.

Parabens aos admiradores de Gonçalves Crespo e a nós mesmos.

Impresso na *Lithographia* da *Pátria* em *Ceará*